



FACULDADE DE CIÊNCIAS DO DESPORTO E EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

SEMINÁRIO DE ANÁLISE DE ENSINO

CONSTRUÇÃO DE INSTRUMENTOS DE OBSERVAÇÃO DE PRÁTICAS  
EDUCATIVAS

*Avaliação Diagnóstica*

*Construção de um instrumento de observação comum a Andebol e a Basquetebol*

Orientador: Dr. Paulo Nobre

Daniel Ferreira

Coimbra

2004/2005



## AGRADECIMENTOS

Após o término deste estudo e olhando para todo o seu processo de realização, não posso deixar de expressar o meu enorme agradecimento a todos os que me apoiaram, através das suas instruções, disponibilidade, incentivos e suporte afectivo, elementos tão valiosos para qualquer humano que tenta alcançar um sonho.

Ao meu Orientador de Seminário, Professor Paulo Nobre, pela sua incessante disponibilidade, sapiência e úteis orientações, sem as quais não teria conseguido realizar este trabalho.

Ao meu Coordenador de Seminário, Professor Doutor Rui Gomes, pela seu acompanhamento atento ao longo do estudo, que se revelou indispensável na conclusão do mesmo.

A todos quanto colaboraram neste estudo, Estagiários, Docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física e Orientadores de Escola.

A todos os meus amigos que sempre me acompanharam e incentivaram, pela sua amizade, união, apoio e constante boa disposição.

Por último, à minha Família, que sempre esteve do meu lado, pelo apoio e carinho que me deram durante esta longa caminhada e pelos valores que me transmitiram. E muito especialmente à minha namorada, Sandra, e aos meus Pais, Victor e Gertrudes...é graças a eles que hoje estou aqui e quando por vezes me faltaram as forças para continuar, foi a pensar neles que nunca desisti!!

A todos, o meu mais sincero MUITO OBRIGADO!!

## ÍNDICE

<b>I.</b>	<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>8</b>
<b>II.</b>	<b>ENQUADRAMENTO TEÓRICO</b>	<b>11</b>
	1. OBSERVAÇÃO	12
	1.1. OBSERVAÇÃO DOS ALUNOS NO ENSINO BÁSICO	15
	1.2. TIPOS DE OBSERVAÇÃO	17
	2. PAPEL DO OBSERVADOR	19
	3. TÉCNICAS DE REGISTO OBSERVACIONAIS	21
	4. OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE AVALIAÇÃO	25
	5. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA	26
	5.1. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NA LEGISLAÇÃO DO ENSINO BÁSICO	28
	6. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA	30
	7. DESPORTOS COLECTIVOS	33
	7.1. ANDEBOL	35
	7.2. BASQUETEBOL	36
<b>III.</b>	<b>METODOLOGIA</b>	<b>39</b>
	1. TIPO DE INVESTIGAÇÃO	40
	2. PROBLEMA	41
	2.1. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO	41
	2.2. OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO	42
	3. AMOSTRA	42
	4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS	43
	4.1. ANÁLISE DOCUMENTAL	43
	4.2. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO	44
	4.3. ANÁLISE DE CONTEÚDO	45
	5. CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO	47
<b>IV.</b>	<b>ANÁLISE DE RESULTADOS</b>	<b>49</b>
	1. ANÁLISE DAS GRELHAS RECOLHIDAS	50
	2. UMA PROPOSTA DE GRELHA DE OBSERVAÇÃO	50

2.1. PASSE	51
2.2. RECEPÇÃO	52
2.3. DRIBLE	53
2.4. REMATE	54
2.5. LANÇAMENTO	55
3. PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O 3º CICLO	56
3.1. DESMARCAÇÃO	57
3.2. DEFESA INDIVIDUAL	57
3.3. RESSALTO	57
4. ESTAGIÁRIOS VS PROGRAMA, UMA NOVA GRELHA	58
5. PROPOSTA FINAL DE GRELHA DE OBSERVAÇÃO	59
6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	62
<b>V. CONCLUSÕES</b>	<b>65</b>
<b>VI. BIBLIOGRAFIA</b>	<b>69</b>

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

### **ANEXO I – Grelhas de Avaliação Diagnóstica de Andebol e Basquetebol**

1. Grelha Andebol 1 (Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Cantanhede)
2. Grelha Andebol 2 (Escola Secundária de Sampaio)
3. Grelha Andebol 3 (Escola E.B. 2/3 Castro Matoso de Oliveirinha)
4. Grelha Andebol 4 (Escola Básica de Sever de Vouga)
5. Grelha Andebol 5 (Escola Secundária c/ 3ºciclo da Gafanha da Nazaré)
6. Grelha Andebol 6 (Agrupamento Vertical Martim de Freitas)
7. Grelha Andebol 7 (Escola Secundária Dr. Jaime Magalhães Lima)
8. Grelha Andebol 8 (Escola Básica 2, 3 de Mealhada)
9. Grelha Andebol 9 (Escola Secundária de Anadia)
10. Grelha Basquetebol 1 (Escola E.B. 2/3 Castro Matoso de Oliveirinha)
11. Grelha Basquetebol 2 (Escola Secundária de Anadia)
12. Grelha Basquetebol 3 (Escola Secundária de Sampaio)
13. Grelha Basquetebol 4 (Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Cantanhede)
14. Grelha Basquetebol 5 (Escola Secundária c/ 3ºciclo da Gafanha da Nazaré)
15. Grelha Basquetebol 6 (Agrupamento Vertical Martim de Freitas)
16. Grelha Basquetebol 7 (Escola Secundária Dr. Jaime Magalhães Lima)
17. Grelha Basquetebol 8 (Escola Básica 2, 3 de Mealhada)
18. Grelha Basquetebol 9 (Escola Secundária de Anadia)

### **ANEXO II – Elementos presentes nas grelhas recolhidas**

**ANEXO III – Grelha Comum a Andebol e a Basquetebol (síntese das grelhas recolhidas)**

**ANEXO IV – Grelha Comum a Andebol e a Basquetebol (após ter sido recolhida a opinião dos Docentes da FCDEF)**

**ANEXO V – Grelha Comum a Andebol e a Basquetebol (após ter sido recolhida a opinião dos Docentes da FCDEF e dos Orientadores de Escola)**

## **ANEXO VI – Questionário aos Docentes da FCDEF**

Questionário Q1

Questionário Q2

Questionário Q3

## **ANEXO VII – Questionário aos Orientadores de Escola**

Questionário QP1

Questionário QP2

Questionário QP3

Questionário QP4

Questionário QP5

## **ANEXO VIII – Matrizes**

Matriz para questionário aos Docentes da FCDEF

Matriz para questionário aos Orientadores de Escola

## **ANEXO IX – Grelhas de Análise Conteúdo**

Grelha de análise do questionário aos Docentes da FCDEF

Grelha de análise do questionário aos Orientadores de Escola

## **I. INTRODUÇÃO**

## **I. INTRODUÇÃO**

Este trabalho surge no âmbito da disciplina de Seminário do quarto ano da Licenciatura em Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e insere-se no campo da Análise de Ensino, mais concretamente da Construção de Instrumentos de Observação das Práticas Educativas.

A partir da análise desta área de investigação procurámos decidir qual o melhor tema a adoptar para o prosseguimento do nosso estudo. Assim, e após várias considerações, adoptámos como tema principal deste trabalho, o tema: *Avaliação Diagnóstica – Construção de um instrumento de observação comum a Andebol e a Basquetebol.*

Com este tema propomos debruçar-nos sobre uma área onde existem já bastantes estudos efectuados mas nenhum (de que tenhamos conhecimento) com a abordagem com que enfrentámos o nosso estudo. Assim, pretendemos não a construção de uma simples grelha de observação, como tantas que têm sido elaboradas ao longo dos anos, quer pelos profissionais da Educação Física quer pelos estagiários desta disciplina, mas a elaboração de uma grelha comum, onde se possa fazer o registo simultâneo de duas modalidades, neste caso o Andebol e o Basquetebol.

Este caminho foi escolhido com o propósito de simplificar o processo de Avaliação nas Escolas. Pensamos que um acto tão importante no planeamento do processo ensino-aprendizagem como é a Avaliação Diagnóstica e cujo objectivo é dar indicações (o mais precisas possível) do nível de alunos de cada turma, deve ser simplificado de forma a não serem geradas confusões ou não existirem dados ambíguos.

Desta forma, podemos afirmar que será um estudo com elevado grau de interesse académico por se tentar a construção de um instrumento de observação comum a duas modalidades distintas, com base nos Programas da Educação Física, mas também com grande proveito para os profissionais da área, caso se comprove vantajosa a sua utilização.

No desenrolar deste estudo vamos procurar recolher diverso material já existente acerca da observação em sala de aula e da observação de alunos, bem como da legislação existente do que deve ser observado e tido em conta aquando da Avaliação Diagnóstica. Serão também recolhidas diversas grelhas de Avaliação

Diagnóstica das modalidades de Andebol e de Basquetebol com o fim de averiguar o que os estagiários consideram importante observar. Como forma de apurar esta grelha de observação serão pedidas diversas opiniões a profissionais da Educação Física, em primeiro lugar, a docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e numa segunda fase serão inquiridos diversos Orientadores das Escolas que detêm protocolos com a FCDEF-UC. O produto final esperado será uma grelha de Avaliação Diagnóstica onde se possam incluir as modalidades de Andebol e de Basquetebol, considerando os aspectos que as modalidades têm em comum e as especificidades que terão que ser destacadas.

Em relação à apresentação deste estudo, este estará dividido em oito capítulos, sendo que quatro deles serão fundamentais. O segundo capítulo contempla o Enquadramento Teórico deste estudo, ou seja, serão apresentados diversos trabalhos de autores consagrados onde serão apresentados pontos como a Avaliação Diagnóstica e a Observação de Alunos no Ensino Básico, de forma a situarmos o nosso estudo. No terceiro capítulo será apresentada a Metodologia que foi utilizada ao longo do estudo, serão apresentadas quais as pistas de investigação que seguimos para a concretização dos objectivos do estudo, bem como os métodos de investigação e as técnicas utilizadas ao longo deste. No quarto capítulo dar-se-á lugar à Análise de Resultados, isto é, após recolhermos todo o material considerado necessário para a concretização deste estudo, este será analisado e tratado ao longo desse capítulo. Finalmente, e no que diz respeito aos capítulos dominantes deste trabalho, no quinto capítulo estarão as conclusões finais a retirar de todo o estudo, de tudo o processo percorrido ao longo do nosso trabalho.

## **II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

## **II. ENQUADRAMENTO TEÓRICO**

### **1. OBSERVAÇÃO**

O conceito de observação tem vários significados. DAMAS e DE KETELE (1985, p. 11.) elucidam este conceito etimologicamente, dizendo que (Ob)servar é pôr-se diante (prefixo “ob”) de um objecto, ao mesmo tempo como escravo ou servo (primeiro sentido da raiz “serv”) para lhe ser fiel e, ao mesmo tempo, como dono, para possuir ou o conservar (segundo sentido da raiz “serv”). A noção ou conceito de observação vai desde o simples “olhar e ver o que se passa aqui...” até ao rigoroso estudo sistemático de comportamentos e situações, apoiado em técnicas treinadas e meios sofisticados (BRITO, 1994).

Como diz BRITO (1994), a observação foi sempre utilizada pelo Homem ao longo dos tempos, no acompanhamento dos acontecimentos, no entanto a observação como técnica científica só surgiu no final do século XIX. Este autor indica que os psicólogos dedicados ao estudo da criança foram os que mais utilizaram o método. Em relação ao comportamento humano, após um acentuado acréscimo dos estudos de 1890 a 1940, seguiu-se uma fase decrescente até ao início da década de 60. Para este facto, o autor avança a explicação de WRIGHT que o atribuiu às dificuldades sentidas pelos observadores em cientificar os seus dados quando confrontados com a experimentação. Para concretizar esta perspectiva, BRITO diz que “ [...] as ciências humanas, na sua tentativa de afirmação, começaram nessa fase a recorrer com maior intensidade aos métodos experimentais. Foi necessário o reconhecimento da impossibilidade do método experimental em estudar situações naturais, sem as alterar e sem alterar os comportamentos, para que os métodos de observação retomassem importância e se desenvolvessem.” Este autor refere-se à evolução de áreas como a etologia animal, da corrente ecológica da Psicologia, aos estudos de interacção simbólica, das comunicações, da sócio-linguística e da psicoterapia, entre outros aspectos, como determinantes para a criação de condições favoráveis para o desenvolvimento das técnicas de observação.

Segundo BRITO, a observação desenvolveu-se extraordinariamente a partir dos anos 70 na área das Ciências Humanas, e, em particular na educação, ocupou um lugar que, por vezes, se aproxima da exclusividade. Porém, é necessário reconhecer

que já não existe uma só observação mas sim diversos ramos, desenvolvidos e adaptados segundo as áreas, temas, sujeitos e situações estudadas (BRITO, 1994).

Referimo-nos frequentemente ao termo “observar” como o simples acto de olhar para algo, mas, como referem POSTIC e DE KETELE (1992), observar é um procedimento bem mais alargado e complexo do que as percepções; observar consiste num processo que organiza as ditas percepções. Implica toda uma série de operações de sensibilização e de concentração da atenção, de comparação, de discernimento, todas elas dirigidas por uma intenção. “Observar é um processo que inclui a atenção voluntária e a inteligência, orientado por um objectivo terminal ou organizador e dirigido sobre um objecto para dele recolher informações” (DE KETELE, 1980, p. 27).

Assim, poderemos definir observação como “um processo cuja função imediata, consiste em recolher informações sobre o objecto tomado em consideração, em função do objectivo organizador...” (DAMAS e DE KETELE, 1985, p. 11). Será esta a definição com a qual trabalharemos.

Poderemos colocar, nesta altura, várias questões: porquê observar? Qual a importância da observação no ensino?

DAMAS e DE KETELE (1985), referem cinco funções possíveis que justificam todo o processo de observação: 1) função descritiva, onde se observa para descrever os fenómenos ou uma situação; 2) função formativa, onde se observa para retroagir e retroage-se para formar; 3) função avaliativa, cuja dinâmica é ligeiramente diferente, ou seja, observa-se para avaliar, avalia-se para decidir e decide-se para agir; 4) função heurística, também chamada de observação invocada, que é quando a actividade é orientada para a emergência de hipóteses pertinentes que serão submetidas posteriormente a actividades de verificação; 5) função de verificação ou observação provocada no sentido de que uma situação é provocada, procurada ou manipulada, a fim de verificar uma hipótese.

A observação é uma técnica fundamental para a avaliação e assume particular importância na avaliação diagnóstica. De acordo com RIBEIRO (1999, p. 79), as avaliações a que o professor procede enquadram-se em três grandes tipos: avaliação diagnóstica, formativa e somativa. Esta autora define como função essencial da avaliação diagnóstica, verificar se o aluno está de posse de certas aprendizagens anteriores que servem de base à unidade que se vai iniciar. Em relação à avaliação formativa, a mesma autora refere que esta desempenha uma função semelhante à da

avaliação diagnóstica e tem lugar tantas vezes quantas o professor entender conveniente, no decurso do processo de aprendizagem. (RIBEIRO, 1999, p. 84). Finalmente, no que concerne à avaliação somativa, é dito que este tipo de avaliação complementa os restantes, resolve problemas no ensino, ainda que numa dimensão diferente, e serve finalidades não acessíveis através da avaliação diagnóstica e formativa (RIBEIRO, 1999, p. 89). É neste sentido que, para este trabalho, tomam especial importância as funções formativa e avaliativa, referidas por DAMAS e DE KETELE.

Como refere SARMENTO (1991, p. 37), no domínio da Educação Física, dadas as limitações do ser humano e a necessidade de tirar o devido proveito do “real valor” do acto de observar, há que torná-lo consciente e sistematizado (intencional, previsível, controlável e eficaz). Só desta forma, a observação, permite julgar a qualidade de prestação, no sentido mais lato, a constatação de factos.

ESTRELA (1994) indica que a investigação pode tomar vários níveis e várias formas. De uma forma concretizada poderá surgir como um estudo de caso, um inquérito, análises de situações problema ou avaliação de práticas pedagógicas. Os objectivos gerais e específicos da observação serão determinados a partir das respostas que forem dadas à pergunta inicial – “observar para quê?”. A definição desses objectivos permite a construção do projecto de observação, o que implica necessariamente a delimitação do campo de observação, a definição de unidades de observação e o estabelecimento de sequências comportamentais.

Para iniciar um processo de observação é fundamental ter bem definido qual será o objecto de estudo, ou seja, da dita observação. É preciso, de entre vários aspectos de uma situação a estudar, definir quais serão os que deverão ser tidos em conta. ANGUERA (1997) sugere algumas directrizes que devem ser consideradas na decisão do objecto de estudo: i) a caracterização dos participantes, ii) o local, ou locais onde a situação toma lugar, iii) o objectivo ou finalidade que levou o observador a juntar-se aos participantes, o comportamento dos participantes e iv) a frequência e duração da observação. Segundo DAMAS e DE KETELE (1985, p. 30) e de acordo com o objecto de observação podemos distinguir entre observação de facto (quando a observação orienta a sua atenção para características da situação, sobre comportamentos, ou sobre interacções entre as pessoas) ou observação de representações (quando visa recolher opiniões, maneiras de perceber as coisas ou os comportamentos, ou de lhes atribuir um significado, uma significação, ou ainda

atribuir-lhes uma causa); observação atributiva (quando aplica a sua função sobre a presença ou a ausência de um ou diversos “objectos”; e/ou sobre a presença ou ausência de características de um “objecto”; e/ou sobre a presença ou ausência de uma acção num “objecto”) ou observação narrativa (quando aplica a sua atenção sobre o desenrolar das acções; e/ou sobre a sucessão dos estados que acompanham o desenvolvimento das acções; e/ou sobre os efeitos da acção; e/ou sobre as consequências ulteriores que seguiram a acção e os seus efeitos imediatos e esperados) e, por último, observação alospectiva (quando a observação de um sujeito é conduzida por outrem) ou observação introspectiva (observação do sujeito por ele mesmo).

POSTIC e DE KETELE (1992) apresentam uma definição de procedimento de observação. Estes autores dizem que a observação é uma operação de selecção e de estruturação de dados de modo que fique patente uma rede de significações. Apresentam duas alternativas para o processo de observação. A primeira alternativa contempla duas fases apenas, são elas a selecção dos dados e a estruturação dos mesmos. A segunda alternativa apresentada considera três fases: a operação de identificação dos factos, a construção de uma rede de relações entre os factos e, finalmente, a interpretação.

Quanto ao momento da observação, DAMAS e DE KETELE (1985) referem dois tipos: a observação longitudinal e a observação transversal. As observações longitudinais são consideradas quando o investigador deseja estudar a evolução dos “atributos” no tempo ou quando tenta estudar as condições de aparecimento e os efeitos de aparecimento de atributos determinados. Exemplos disso são algumas observações narrativas como as de BARKER e WRIGHT (1951; 1954). Por outro lado, as observações são consideradas transversais quando procuram transmitir dados que sejam suficientes para serem representativos de uma observação durante um determinado período de tempo. A escolha de um destes métodos estará sempre relacionada com os objectivos da observação a realizar.

### 1.1. OBSERVAÇÃO DOS ALUNOS NO ENSINO BÁSICO

Este trabalho enquadra-se no âmbito da observação dos alunos do Ensino Básico. Por este motivo abordaremos em seguida a questão da observação em sala de

aula e alguma da legislação que serve de referência a este nível de Ensino no domínio da avaliação.

A observação em sala de aula está a tornar-se muito mais comum do que no passado (WRAGG, 1999, p. 2). São os propósitos que definem os métodos e o tipo de observação. O propósito, o “timing” e contexto de uma observação devem determinar, largamente, os seus métodos. Um dos problemas que tanto os observadores com experiência como os inexperientes enfrentam é a decisão de qual deverá ser o foco de atenção. Acontece que nas salas de aula, qualquer tarefa, mesmo que aparentemente seja simples, pode ser tema para páginas de notas e horas de discussão. A envolvência de uma sala de aula pode ser extremamente rica e completa. Os seus principais constituintes são os professores, os alunos, os edifícios e os materiais (WRAGG, 1999, p. 5).

Em 2002, BULTERMAN-BOS, TERWEL, VERLOOP e WARDEKKER publicaram um estudo onde afirmam que, a maior parte das tentativas para melhorar a observação recomendam a separação do sujeito e do objecto num esforço para eliminar a interferência pessoal do professor. O seu estudo, no entanto, mostra que a observação é parte integrante do processo de ensino. Para mais, as realidades das salas de aula não permitem aos professores separarem-se do que estão a observar. Então, a objectividade tem que ser vista de uma alternativa. Esta visão transaccional mostra que a qualidade da interferência do professor é importante e não deve ser eliminada. Este trabalho permitiu aos autores identificarem sete características do processo de observação como um aspecto da acessoria à sala de aula: 1) os professores diferem na forma como se relacionam com a observação, alguns professores só observam passivamente, outros necessitam de alunos que atraiam a sua atenção; 2) o processo é interpessoal, os professores têm que conhecer os seus alunos; 3) os professores que estão a observar desempenham um duplo papel simultaneamente, como a observação é parte integrante na acção do ensino, é inevitável que a observação também aconteça passivamente ou inconscientemente; 4) a observação no ensino é um processo de influência mútua, os estudantes também contribuem activamente para o que pode ser observado; 5) é incerta a forma como os resultados devem ser atribuídos, como a observação toma lugar sob a influência de ambas as partes, não é claro quem deve ser tomado responsável pelo que está a acontecer; 6) a informação obtida pela observação nunca está completa, podem sempre surgir novos fragmentos de informação que alterem a imagem actual; 7)

imagens de antigos estudantes desempenham um papel na descoberta de diferenças entre estudantes actuais (BULTERMAN-BOS, TERWEL, VERLOOP e WARDEKKER, 2002, pp. 1069-1100).

Um observador pode querer ver o quão activas são as diferentes crianças nas aulas de Educação Física. Um registo individual das actividades das crianças pode ser construído com categorias como “corre devagar”, “corre depressa”, “salta”, etc., este registo pode depois ser relacionado com outras medições da actividade., como a monitorização dos batimentos cardíacos durante o exercício (WRAGG, 1999, p. 27).

## 1.2. TIPOS DE OBSERVAÇÃO

Existem vários tipos de observação, que podem variar de acordo com diversos factores, como a atitude do observador, o momento e duração da observação, o objectivo que se pretende atingir, etc. ESTRELA (1994) procura estabelecer uma distinção entre formas de observação, tomando como critério principal a situação ou atitude do observador, o processo de observação e o campo de observação. A distinção feita por ESTRELA é a seguinte:

1º Na perspectiva da situação ou na atitude do observador:

- a) observação participante;
- b) distanciada e participada;
- c) intencional (ou orientada) e espontânea.

2º Se considerarmos o processo de observação:

- a) observação sistemática e ocasional;
- b) armada (ou instrumental) e desarmada;
- c) contínua e intermitente; d) directa e indirecta.

3º Se tomarmos em consideração os aspectos ou características do campo de observação:

- a) observação molar e molecular;
- b) verbal e gestual;
- c) individual e grupal.

Para além da distinção já referida, ESTRELA aborda, de uma forma um pouco mais aprofundada, cada um dos tipos de observação. Assim, fala-se de observação participante quando, de algum modo, o observador participa na vida do grupo por este estudado. FESTINGER (1953), realizou uma aplicação famosa, onde

a observação participante foi utilizada como uma técnica de observação que lhe permitiu comprovar a teoria da dissonância cognitiva. A observação participante também é designada por observação (ou método) etnológica ou antropológica, não só por ter tido origem nessas ciências, como também por constituir, actualmente, o principal método de trabalho usado por elas.

A observação participada corresponde a uma observação em que o observador poderá participar, de algum modo, na actividade do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de observador e, conseqüentemente, sem perder o respectivo estatuto. Convém, ainda, acrescentar que a observação participada se orienta para a observação de fenómenos, tarefas ou situações específicas, nas quais o observado se encontra centrado. (ESTRELA, 1994, p. 35). Esta técnica tem sido utilizada preferencialmente, entre outras áreas, na Educação Física, ou seja, em aulas em que o aluno se pode centrar mais facilmente num determinado trabalho ou material, sem dependência directa da palavra ou acção do professor (ESTRELA, 1994). O referido autor afirma que, habitualmente, é utilizado o seguinte esquema de observação: 1º Observa-se o aluno (ou o grupo de alunos), através de uma técnica de tipo naturalista (observação directa e distanciada), que permita um descritivo comportamental coerente. As inferências formuladas referem-se a causas ou, principalmente, a finalidades imediatas dos comportamentos registados; 2º O observador intervém no trabalho que o aluno está a realizar, ajudando-o ocasionalmente ou limitando-se a pedir-lhe alguns esclarecimentos acerca do que ele está a fazer – modos, razões, fins imediatos (o “como”, o “porquê”, o “para quê”). Visa-se, assim, o esclarecimento de pistas levantadas por observação directa (ou por outros processos) e o levantamento de novas pistas explicativas.

Quanto ao processo de observação podemos considerar a observação ocasional, que tem constituído uma forma de observação de classes bastante utilizada, tanto na investigação em geral, como na formação de professores, em particular. No entanto, todos os investigadores que a aplicaram têm sido unânimes em referir os problemas de objectividade levantados pela sua aplicação. (ESTRELA, 1994). A observação ocasional constitui um processo extremamente válido de formação de observadores, permitindo uma sensibilização e introdução aos problemas da observação. ANGUERA (1997) refere-se à observação ocasional como não obedecendo a nenhuma regra, é aquela que se pode levar a cabo na vida do dia a dia.

Para REUCHLIN (1969), a observação torna-se sistemática quando é posta em relevo a coerência dos processos e dos resultados obtidos ou quando são utilizadas técnicas rigorosas em condições suficientemente bem definidas para serem repetíveis.

Em 1979, DE LANDSHEERE, citando FRAISSE, considera a observação naturalista como uma “observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da sua vida quotidiana”. Neste caso, o comportamento não constitui objecto de um controlo experimental. Para HENRY (1961), a observação naturalista é o estudo de um fenómeno no seu meio natural. A observação naturalista é, em síntese, uma forma de observação sistematizada, realizada em meio natural e utilizada desde o século XIX na descrição e quantificação de comportamentos do homem e de outros animais. (ESTRELA, 1994)

Quanto ao campo de observação, ESTRELA (1994) considera dois tipos de observação: molar e molecular. Os componentes molares correspondem a acções, como por exemplo, passear com alguém, ir ou vir da escola, etc. Os comportamentos moleculares, ou seja, os “actones”, na terminologia de WRIGHT, referem-se a comportamentos específicos, constitutivos de padrões (gestos, manipulações, etc.). A significação dos “actones” é dada dentro do contexto das acções em que se inserem. Isto é, a significação não é obtida a partir dos comportamentos (em sentido restrito do termo), mas decorre, sim, das acções que integram o contexto pessoal do sujeito actuante. Portanto, a unidade de base não é o “actone”, mas a acção.

A validade dos tipos de observação indicados decorre dos princípios de que se parte, dos objectivos que se definem, das estratégias que se pretendem utilizar para alcançar esses objectivos.

## 2. PAPEL DO OBSERVADOR

O papel que um observador desempenha pode ser classificado de acordo com a interferência que este tem no meio ou situação em que efectua a sua investigação. DAMAS e DE KETELE (1985) definem de forma sucinta duas formas sob a qual um observador pode surgir, deste modo, um observador é independente quando observa um grupo sem nele se integrar; o observador é participante quando se integra no grupo e na vida deste. Como já foi referido, ESTRELA (1994) define diferentes tipos

de observação de acordo com a atitude do observador: a) observação participante; b) distanciada e participada; c) intencional (ou orientada) e espontânea.

A dificuldade em tornar significativos os comportamentos observados, nomeadamente por desconhecimento das suas finalidades intrínsecas, levou uma parte dos observadores a alterarem a sua posição, passando da distanciação à participação, a fim de aprenderem o significado relacional implícito na situação observada.

ESTRELA (1992) refere que, independentemente das técnicas utilizadas e dos campos em que se trabalha, o observador participante deverá ter um papel bem definido na organização social que observa. Este papel poderá ser percebido diferentemente pelo grupo, conforme a função de observação seja ou não conhecida. WOODS (1977) aprofunda aspectos referentes ao “duplo papel” que o professor terá que desempenhar enquanto observador (participante) da sua própria classe.

Em relação à observação participante passiva, DAMAS E DE KETELE (1985) citam MARGARET MEAD dizendo que “O observador participante entra no jogo, observa, mas não toca em nada... Esforça-se por estudar os costumes dos seres humanos aos quais se mistura até nos mais íntimos pormenores, mas escrupuliza se os deixar intactos, considerando o tecido desta vida humana como uma contribuição preciosa para a ciência” (MEAD, 1966, p.32 in DAMAS E DE KETELE, 1985).

Por outro lado, temos a observação participante activa, em que o observador desempenha funções efectivas susceptíveis de modificar radicalmente certos aspectos da vida do grupo (DAMAS e DE KETELE, 1985, p. 27). É o caso já referido do “duplo papel” do professor, em que o observador é o próprio professor (quer seja investigador ou simplesmente “informador”); é o caso também do investigador ou de certos alunos que são tomados como “informadores” pelo investigador exterior.

Quer a observação seja independente ou participante, o observador (ou o material que serve para registar a observação) pode ser percebido ou não percebido como observador. Eis aqui todo o “problema da reactividade”, isto é, o problema das reacções dos indivíduos ao facto de serem observados. Deve notar-se, simultaneamente, que o problema da reactividade não se limita à observação em situação natural, conduzida por observadores visíveis. Bem pelo contrário; há muitos casos em que a observação em situação natural não põe problemas à reactividade, porque o observador (ou o material) não é captado, ao passo que, na maior parte dos

casos, as experiências de laboratório ou as situações de testação não escapam a ela (DAMAS e DE KETELE, 1985).

As duas grandes formas de observação mais referidas (a distanciada e a participante) levantam problemas metodológicos difíceis de resolver e os seus resultados (por razões diferentes, senão opostas) têm-se revelado de valor relativo pois não permitem a descrição do real em termos que garantam, simultaneamente, a objectividade e a interpretatividade. Por isso, se tentam, hoje, novas vias, uma das quais é resultante do aperfeiçoamento da técnica por nós designada de “participada”. (ESTRELA, 1992).

### 3. TÉCNICAS DE REGISTO OBSERVACIONAIS

Há várias formas de efectuar o registo daquilo que se está a observar. ANGUERA (1997) afirma que o ideal comum a todos os observadores é a utilização de métodos e técnicas rigorosamente objectivas, apesar das grandes barreiras de obstáculos que dificultam a observação imparcial. Assim, foi SPENCER o primeiro cientista social que catalogou e expôs de forma precisa estes inconvenientes, assinalando as complicações que se originam no procedimento de registo pelo facto de que muitos fenómenos humanos, ao contrário dos naturais, não serem directamente perceptíveis. Quando observamos o comportamento de alguém vemos que as suas acções ou se repetem muitas vezes (por unidade de tempo) ou raramente acontecem, ou seja, há comportamentos mais frequentes que outros. O comportamento pode prolongar-se no tempo e ter uma determinada duração. “Repetibilidade” e “duração” são dois aspectos da observação do comportamento humano e animal (SARMENTO, 1993).

WRAGG (1999, p. 16) afirma que os observadores têm algumas escolhas acerca do tipo de registo que pode ser feito e alguns podem optar por não efectuar nenhum. A maior parte, no entanto, tirará no mínimo notas, mas há muitas outras possibilidades. Poderão ser feitos registos escritos, através de cassetes de vídeo, cassetes de som ou transcrições.

De acordo com POSTIC (1977) citado por SARMENTO (1993, p. 22), em termos de técnicas de observação, é possível construir um sistema de observação quer pelo uso de categorias, quer de sinais. Os comportamentos fundamentais, que ocorrem mais frequentemente, deverão ser registados num sistema de categorias e os

de frequência rara num sistema de sinais. Enquanto no sistema de categorias os diversos comportamentos são anotados e quantificados, determinando-se o número total de unidades de comportamento e a sua frequência relativa, num sistema por sinais prevê-se, antecipadamente, uma lista de incidentes que podem sobrevir durante a observação, pondo-se em destaque, apenas, o aparecimento do sinal, sem anotar, muitas vezes, a sua frequência. Enquanto os sistemas por categorias devem ser exaustivos, os sistemas por sinais não têm necessariamente de o ser, considerando a existência de uma lista de incidentes, por vezes muito extensa, mas não esgota todas as possibilidades comportamentais. (SARMENTO, 1993, p. 22).

Quanto à classificação dos métodos de registo de dados, SARMENTO (1993, p.23) refere a realizada por SIEDENTOP (1983), que os subdivide em tradicionais e recomendados.

Os métodos tradicionais são o “eyeballing”, o “inventário” (check list) e as “escalas de apreciação”. O “eyeballing” consiste na observação da aula por um determinado período de tempo, sem tomar notas, sem utilizar nenhum guião e sem recolher nenhuma informação. O “inventário” é uma lista de informações ou características acerca das quais o observador faz um juízo, normalmente uma decisão de tipo sim-não ou uma outra escala de apreciação. As “escalas de apreciação” são, normalmente, mais preciosas e sofisticadas que os inventários porque envolvem uma maior quantidade de escolhas, embora ainda apresentem algumas inseguranças. A apreciação de um elemento faz-se numa escala de apreciação que geralmente inclui 7 a 8 níveis e que varia entre a melhor e a pior característica.

Os métodos recomendados referidos por Sarmento são o “registo de ocorrências”, o “registo de duração”, o “registo por intervalos”, a “amostragem temporal”, o “placheck” e os “produtos permanentes”. (1993, p.24). O “registo de ocorrências” funciona da seguinte forma: depois de definidas as categorias, estas são observadas e registadas através de um registo cumulativo (contagem da sua frequência de ocorrência dentro de um determinado intervalo de tempo). Por vezes, a frequência com que os comportamentos ocorrem não é a informação mais útil e neste caso o registo de ocorrências não pode ser utilizado. Se é necessário registar a quantidade de tempo que o aluno está em actividade ou que o professor leva a desempenhar determinada função, por exemplo, é necessário utilizar um “registo de duração”, utilizando-se o tempo como medida de comportamento. No caso do “registo por intervalos”, o observador apenas observa o que se passa na sessão em

momentos intervalados no tempo. A “amostragem temporal” é usada sempre que é necessário obter informação sem um grande investimento de tempo de observação, a sessão pode ser dividida em intervalos iguais observando-se um comportamento no final desse intervalo. O registo “placheck” (Planned Activity Check) refere-se a um registo periódico do comportamento de todos os membros de um grupo. Finalmente, a técnica dos “produtos permanentes” é usada, porque, frequentemente o comportamento do professor ou dos alunos conduz à produção de algo que pode ser retido.

A observação participada, muito utilizada na Educação Física, utiliza o seguinte esquema de observação: 1º Observa-se o aluno (ou o grupo de alunos), através de uma técnica de tipo naturalista (observação directa e distanciada), que permita um descritivo comportamental coerente. As inferências formuladas referem-se a causas ou, principalmente, a finalidades imediatas dos comportamentos registados; 2º O observador intervém no trabalho que o aluno está a realizar, ajudando-o ocasionalmente ou limitando-se a pedir-lhe alguns esclarecimentos acerca do que ele está a fazer – modos, razões, fins imediatos (o “como”, o “porquê”, o “para quê”). Visa-se, assim, o esclarecimento de pistas levantadas por observação directa (ou por outros processos) e o levantamento de novas pistas explicativas. (ESTRELA, 1994).

ESTRELA (1994) refere, como forma de observação ocasional, a técnica dos incidentes críticos, que permite trabalhar de uma forma mais rigorosa, reduzindo em muito a margem de subjectividade que se verifica, nomeadamente, em observadores ainda em fase de preparação. Esta técnica é um meio de observação ocasional, realizada, geralmente, por uma testemunha que não está envolvida directamente nos acontecimentos. Contudo, ela poderá ser adaptada às situações de aula, sob a forma de registo de incidentes anotados pelo professor.

Para a observação sistemática, MEDLEY e MITZEL (1963) afirmam que a notação das observações se faz, fundamentalmente, através de duas formas: “sistemas de sinais” e “sistemas de categorias”. ROSENSHINE e FURST (1973) consideram que o sistema é de categorias quando os comportamentos são objecto de registo sempre que ocorram, e que o sistema é de sinais quando os comportamentos são objecto de um só registo, num dado período de observação, mesmo que aconteçam mais do que uma vez.

WRAGG (1999, p. 8) refere que diferentes estilos de observação em sala de aula têm sido desenvolvidos ao longo dos anos. A origem de muitas abordagens comuns à observação em sala de aula está radicada no início do século XX. No centro das abordagens quantitativas está a crença que a efectividade dos professores pode ser melhorada se um corpo de conhecimento for estabelecido que mostre que eles devem fazer mais de umas coisa e menos de outras (idem, p. 9). Embora a contagem dos eventos possa oferecer algumas perspectivas interessantes, tem lacunas no que diz respeito a contar a história completa da vida nas salas de aula. A origem de algumas abordagens à observação na sala de aula que se concentram na importância, significado, impacto, interpretação individual ou colectiva dos eventos, são radicadas numa tradição diferente daquela que os positivistas descrevem. Uma forte influência é o trabalho de antropologistas culturais e sociais, a este estilo de observação é frequentemente dado o rótulo de “etnográfico”.

O uso de escalas de classificação na observação na sala de aula foi bastante divulgado há uns anos atrás. De facto, em muitos casos, o único resultado foi uma lista de classificações. Algumas classificações focaram-se mais em traços manifestos da sala de aula do que em aspectos de personalidade individual e dimensões como “bem preparado/ mal preparado” eram comuns. Na maior parte, as componentes de uma escala eram mais baseadas em assumpções do senso comum do que em resultados de investigação. As escalas de classificação podem ser úteis em observação na sala de aula, mas são melhor aplicadas por observadores experientes na observação de numerosos professores e nunca devem ser usadas automaticamente, só quando o contexto parece apropriado e aí com precaução considerável (WRAGG, 1999, p. 22).

Segundo SIEDENTOP (1998, pp. 349-350) uma lista de classificação é uma lista de afirmações ou características acerca das quais um observador faz um juízo. O juízo pode ser uma decisão de sim ou não. Algumas vezes implica o uso de uma escala, de modo a que o espaço entre o sim e o não esteja graduado para poder permitir uma certa gama de respostas possíveis, tais como: frequente, às vezes, infrequente, nunca. O método de lista de classificação tem uma vantagem e um certo número de pontos de retrocesso importantes. A vantagem é que proporciona a aparição de uma aproximação certa à base de dados para a melhoria das habilidades do ensino. As listas de classificação são notavelmente pouco fiáveis. As características ou afirmações das listas de classificação não são suficientemente

definidas para assegurar observações claras. As escalas de classificação podem considerar-se mais precisas e sofisticadas se implicam um grande número de pontos de eleição. Este tipo de recurso de valorização é muito pouco seguro. A ilusão de uma precisão e sofisticação maiores consegue-se à custa da fiabilidade. O facto é que quantos menos pontos de eleição houver, mais fiáveis serão os parâmetros. No entanto, a informação é menos precisa quando há menos possibilidades de pontuação. As escalas de classificação são úteis quando a informação gerada de pontos de eleição simples é de valor suficiente para ajudar a melhorar as destrezas de ensino. Neste caso, as escalas de valorização são mais rápidas, eficientes e fiáveis.

De acordo com as perspectivas acima apresentadas, o nosso estudo utilizará a técnica do “inventário” referida por SARMENTO (1993, p.23) e a observação participada, indicada por (ESTRELA, 1994).

#### 4. OBSERVAÇÃO COMO TÉCNICA DE AVALIAÇÃO

A observação é, inegavelmente, um instrumento precioso para avaliação dos alunos, dos seus comportamentos, virtudes, competências, etc. DAMAS e DE KETELE (1985) referem que o objectivo da avaliação é o de tomar uma decisão que se inscreve, a maior parte das vezes, no quadro da realização de um objecto mais global

Para DE KETELE (1980, p. 22), avaliar significa examinar o grau de adequação entre um conjunto de informações e um conjunto de critérios adequados ao objectivo fixado, para tomar uma decisão. DAMAS e DE KETELE (1985) apontam a observação (a par da memória e de fontes exteriores) como uma das melhores formas de recolher informações de forma fidedigna. Estas informações serão posteriormente cruzadas com os critérios definidos, partindo-se depois para a retirada de conclusões, tendo em conta eventuais hierarquias, ponderações e combinações, chegando-se depois, finalmente, à avaliação das conclusões (p. 15).

Quando se fala de determinar a informação que há a recolher e as situações em que deve ser recolhida, são implicados dois actos distintos: 1) Recolher a informação (observar os comportamentos, ler a cópia, etc.), acto que se refere à resposta do avaliado na situação ocasional ou provocada; e 2) Anotar a informação da forma mais adequada à situação e de tal forma que permita uma análise frutífera (POSTIC e DE KETELE, 1992, p. 25.).

POSTIC e DE KETELE (1992) afirmam que a observação constitui a fase prévia de toda a avaliação. A observação é uma operação de extracção e estruturação de dados, de tal forma que se consiga que apareça uma rede de significações. Como dizem os autores, essa é precisamente a razão pela qual os processos de observação e de avaliação não são independentes, são complementares: a observação não se põe só ao serviço da avaliação dos efeitos do processo ensino aprendizagem, sendo que em si mesma recorre a um processo avaliativo na escolha do que vai ser observado e no processo de atribuição de sentido ao que se observou (idem, pp. 149-150).

Embora a observação seja uma importante base para a avaliação, é necessário saber orientá-la para que seja compatível com os objectivos definidos pela avaliação. A determinação de critérios levanta, por vezes, problemas difíceis e está ligada à validade e à credibilidade da avaliação. A avaliação será válida se aquilo que, efectivamente, se avaliou corresponde àquilo que se queria avaliar. (DAMAS e DE KETELE, 1985, p. 16.). Igualmente importante é a determinação das informações a recolher. Esta recolha faz, necessariamente, referência ao objectivo em vista e aos critérios considerados como sinais da sua realização. Trata-se pois, quer de procurar a situação natural adequada, onde estas informações poderão ser recolhidas, quer de suscitar ou de criar a situação própria a uma tal recolha. O carácter mais ou menos natural (ocasional), ou, pelo contrário, artificial, desejado (querido) da situação, implicará a presença de uma parte maior ou menor de informações parasitas para a avaliação. (DAMAS e DE KETELE, 1985).

## 5. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA

Diagnosticar é um processo avaliativo particular que consiste em estabelecer a natureza, a amplitude e as implicações do ou dos factores que causam uma dificuldade ou uma inadaptação, para se poder tomar uma decisão remediativa. O diagnóstico é realmente um processo avaliativo. (DAMAS e DE KETELE, 1985). De facto BLOOM (1976), citado por RIBEIRO (1999), afirma que se compreende a importância da acção de avaliar se o aluno está ou não de posse de aquisições indispensáveis à consecução de novas aprendizagens. É que, se não as possui, pesa já sobre ele uma probabilidade elevada de insucesso, ainda antes de o próprio ensino começar. (RIBEIRO, 1999, p. 81)

DAMAS e DE KETELE (1985) afirmam que o diagnóstico é, todavia, particular, pelo menos no duplo sentido: é sempre orientado para uma tomada de decisão em termos de remédio como, por exemplo, a readaptação social e a reeducação; procede por ajustamentos sucessivos; a partir de um quadro de conjunto de diagnósticos possíveis, fundado teoricamente e experimentalmente, elimina, por confrontação dos sinais observados e dos critérios, os diagnósticos impossíveis ou pouco verosímeis.

De um modo geral, a avaliação é a recolha sistemática de informação sobre a qual se possa formular um juízo de valor que facilite a tomada de decisões.

A avaliação define, em muitos sentidos, o percurso escolar dos alunos. A importância da avaliação é confirmada por vários estudos, que mostram que a mesma ocupa uma grande parte do tempo e esforço de alunos e professores, salientando que aquilo que é valorizado e avaliado na escola vai influenciar não só os resultados escolares dos alunos, mas também a sua motivação, auto-conceito, hábitos de estudo e estilos de aprendizagem.

RIBEIRO (1999, pág. 79) refere que a avaliação diagnóstica pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar a dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes. A mesma autora esclarece que é incorrecto considerar avaliação diagnóstica como aplicável somente no início do ano lectivo. A avaliação diagnóstica, é, fundamentalmente, utilizada no início de novas aprendizagens, não estando assim ligada a qualquer período temporal. (RIBEIRO, 1999, pág. 79). Como já foi mencionado, a função essencial da avaliação diagnóstica é verificar se o aluno está de posse de certas aprendizagens anteriores que servem de base à unidade que se vai iniciar. (ibidem). Entende-se por pré requisitos os conhecimentos, atitudes ou aptidões indispensáveis à aquisição de outros que deles dependem e que, sem eles, não é possível adquirir (idem, pág. 80).

É fundamental verificar qual a situação dos alunos antes de iniciar o processo de aprendizagem. A importância da avaliação diagnóstica consiste em verificar a posição do aluno perante aprendizagens anteriores. As questões que se incluem num teste diagnóstico incidem, fundamentalmente sobre os objectivos que representam os pré-requisitos da nova unidade. (idem, pág. 81).

Poder-se-á dizer que da avaliação diagnóstica resultam vários benefícios. Determinada a posição do aluno, o professor pode: a) proceder, antes do início de uma unidade, a acções de recuperação ou remediação do que não foi aprendido anteriormente e é agora condição necessária; b) agrupar os alunos, de acordo com a proficiência que demonstraram nos resultados de provas diagnósticas, no sentido de responder a necessidades específicas de cada grupo; c) identificar, durante o decorrer de uma unidade, causas do insucesso de alguns alunos.

### 5.1. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA NA LEGISLAÇÃO DO ENSINO BÁSICO

Conforme esclarece o Despacho Normativo 1/2005, a avaliação é um elemento integrante e regulador da prática educativa, que permite uma recolha sistemática de informações que, uma vez analisadas, apoiam a tomada de decisões adequadas à promoção da qualidade das aprendizagens (Artigo I – Enquadramento da Avaliação).

Segundo a legislação do ensino básico, o objecto da avaliação incide sobre as aprendizagens e competências definidas no currículo nacional para as diversas áreas e disciplinas de cada ciclo.

Como refere o Despacho Normativo 1/2005, a avaliação no ensino básico, como, aliás, em todos os níveis de ensino, é uma questão complexa, em permanente discussão e geradora de muitas tensões. É um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma função de certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas. Além disso, tem influência nas decisões que visam melhorar a qualidade do ensino, assim como na confiança social quanto ao funcionamento do sistema educativo.

De acordo com o Decreto-Lei n.º 6/2001, a avaliação das aprendizagens assenta nos seguintes princípios: consistência entre os processos de avaliação e as aprendizagens e competências pretendidas; primazia da avaliação formativa; valorização da evolução do aluno; clarificação e explicitação dos critérios adaptados; e, diversificação dos intervenientes no processo de avaliação. São previstas três modalidades de avaliação, a Avaliação Diagnóstica, a Avaliação Formativa e a Avaliação Sumativa. A Avaliação Diagnóstica conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação

escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano lectivo quando articulada com a Avaliação Formativa. A Avaliação Formativa é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem, recorrendo a uma variedade de instrumentos de recolha de informação, de acordo com a natureza das aprendizagens e dos contextos em que ocorrem. A Avaliação Sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular. (Despacho Normativo 1/2005, Artigo II – Processo de Avaliação).

As principais orientações e disposições relativas à avaliação das aprendizagens no ensino básico estão consagradas no Decreto-Lei n.º 6/2001, de 18 de Janeiro, com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei n.º 209/2002, de 17 de Outubro, remetendo o primeiro para despacho do Ministro da Educação a aprovação de medidas de desenvolvimento das referidas disposições. Esta determinação foi concretizada com o Despacho Normativo n.º 30/2001, de 19 de Julho, primeiro diploma de regulamentação da avaliação das aprendizagens dos alunos no quadro desta reorganização curricular do ensino básico. O normativo foi alterado no ano seguinte, pelo Despacho n.º 5020/2002, de 6 de Março e foi revogado já em 2005, sendo substituído pelo Despacho Normativo n.º 1/2005, de 5 de Janeiro de 2005, que mantém uma orientação similar.

Neste diploma estabelecem-se, como referimos, os princípios e os procedimentos a observar no Ensino Básico na avaliação das aprendizagens, assim como os efeitos dessa avaliação.

O Programa Nacional de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico aponta diversos aspectos que devem ser tomados em conta.

No processo de desenvolvimento curricular de cada escola ou agrupamento de escolas, admite-se a hipótese de se seleccionarem objectivos mais ou menos ambiciosos de acordo com as características da população escolar, mantendo a referência fundamental das competências definidas para cada ciclo de escolaridade. Neste quadro, a Avaliação Inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos colectivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objectivos e/ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ou

plurianual, caso considerem necessário. (Programa Nacional de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico - Projecto de EF da(s) escola(s)).

Neste particular, aliás, existe perfeita similitude com as restantes disciplinas pois quando se determina o limiar a partir do qual um aluno deverá ser considerado com sucesso, não se determina “exactamente” o que cada aluno sabe ou domina. Em rigor, dois “alunos de 3” são certamente muito diferentes um do outro o que não quer dizer que não se tenha conseguido um entendimento sobre a capacidade de ambos para progredirem para um nível seguinte da sua escolaridade com garantias de sucesso. É este o patamar que necessitamos encontrar na Educação Física e que, sendo particularmente difícil e complexo, não queremos deixar de colocar tentando promover mais um momento de clarificação e sedimentação curricular (Programa Nacional de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico - Normas de referência para a definição do sucesso em Educação Física).

## 6. AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

O Programa Nacional de Educação para o 3º ciclo foi concebido como um instrumento necessário para que a educação física das crianças e jovens ganhe o reconhecimento que carece, deixando de ser vista, por um lado, como mera catarse emocional, através do exercício físico vigoroso, ou, por outro lado, como animação/orientação de (alguns) jovens “naturalmente dotados” para se tornarem artistas da performance desportiva (Programa Nacional de Educação para o 3º ciclo – Introdução).

A necessidade de se criar, em todas as escolas, as condições materiais e pedagógicas para que cada aluno possa usufruir dos benefícios da Educação Física, exige a definição de uma proposta que adopte uma perspectiva de desenvolvimento. Os programas de Educação Física procuram satisfazer esta exigência (ibidem).

Os programas não desenham um fraccionamento de domínios/ áreas de personalidade, dividindo as metas gerais e específicas da educação física como, por exemplo, na tríade dos domínios cognitivo, psicomotor e sócio afectivo. Considera-se que a actividade do aluno e os seus efeitos integram necessariamente esses domínios. Deste modo as competências adquiridas pelo aluno integram indissociavelmente esses domínios (ibidem).

Considera-se que os processos formativos são objecto de deliberação pedagógica ao nível da realidade educativa concreta, cujas limitações e possibilidades particulares só podem ser apreciadas pelo próprio professor. Para apoiar as suas decisões, o professor encontra na própria formulação dos dois níveis de objectivos do programa, de ciclo e de ano, referências importantes para a selecção e organização dos processos formativos, respectivamente as características da actividade apropriada à expressão das capacidades (objectivos de ciclo/ área de Educação Física) e a forma das situações de prática propícias ao aperfeiçoamento e “prova” das competências específicas (objectivos de ano/ matérias).

As metas dos programas devem constituir também objecto da motivação dos alunos, inspirando as suas representações e empenho de aperfeiçoamento pessoal no âmbito da Educação Física, na escola e ao longo da vida. No fundo, o que está em causa é a qualidade da participação do aluno na actividade educativa, para que esta tenha uma repercussão positiva, profunda e duradoura. Essa preocupação está representada nos objectivos da Educação Física no curso do ensino básico bem como nos princípios de organização das actividades nas aulas, baseando-se numa concepção de participação dos alunos definida por quatro princípios fundamentais: 1) a garantia de actividade física correctamente motivada, qualitativamente adequada e em quantidade suficiente, indicada pelo tempo de prática nas situações de aprendizagem, isto é, no treino e descoberta das possibilidades de aperfeiçoamento pessoal e dos companheiros; 2) a promoção da autonomia, pela atribuição, reconhecimento e exigência de responsabilidades efectivas aos alunos, nos problemas organizativas e de tratamento das matérias que podem ser assumidos e resolvidos por eles; 3) a valorização da criatividade, pela promoção e aceitação da iniciativa dos alunos, orientando-a para a elevação da qualidade do seu empenho e dos efeitos positivos das actividades; 4) a orientação da sociabilidade no sentido de uma cooperação efectiva entre os alunos, associando-a não só à melhoria da qualidade das prestações, especialmente nas situações de competição entre equipas, mas também ao clima relacional favorável ao aperfeiçoamento pessoal e ao prazer proporcionado pelas actividades. (Programa Nacional de Educação para o 3º ciclo – Introdução).

Relativamente ao Projecto de Educação Física, o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo diz que, no processo de desenvolvimento curricular de cada escola ou agrupamento de escolas, admite-se a hipótese de se seleccionarem

objectivos mais ou menos ambiciosos de acordo com as características da população escolar, mantendo a referência fundamental das competências definidas para cada ciclo de escolaridade. Como já foi mencionado, no quadro da relação entre a avaliação diagnóstica e a planificação, a Avaliação Inicial é um processo decisivo pois, para além de permitir a cada professor orientar e organizar o seu trabalho na turma, possibilita aos professores assumirem compromissos colectivos, aferindo decisões anteriormente tomadas quanto às orientações curriculares, adequando o nível de objectivos e /ou procedendo a alterações ou reajustes na composição curricular à escala anual e/ ou plurianual, caso considerem necessário. Estas decisões de orientação e compromisso curricular são facilitadas se os professores de cada ano de escolaridade se reunirem para confrontarem as informações recolhidas na avaliação inicial. A esta reunião e ao conjunto de decisões aí assumidas, bem como a outras reuniões em diferentes momentos do ano com propósitos semelhantes, chamamos conferências curriculares. O protocolo de avaliação inicial deve ser construído com a participação de todos os elementos do Departamento de Educação Física, sintetizando/ aproveitando experiências pessoais e colectivas.

No protocolo de avaliação inicial as situações de avaliação e procedimentos de observação e recolha de dados, deverão considerar os aspectos críticos do percurso de aprendizagem em cada matéria e sintetizar o grau de exigência de cada nível do programa, nos critérios e indicadores de observação acertados entre todos. A discussão e acerto sobre o modo de “olhar” para os alunos em actividade, e o sistema de registo escolhido, embora traduzível por todos na mesma linguagem, deverá ser passível de adaptação ao estilo pessoal de cada um e permitir a recolha de todas as informações que cada professor considere úteis para a preparação do seu trabalho. Considerando as orientações estratégicas do grupo de Educação Física, o professor deverá desenhar em traços gerais o plano de trabalho com a turma, cuja operacionalização ocorrerá posteriormente e de forma adequada a cada turma, baseando-se nas conclusões da avaliação inicial e nas opções que daí advêm. (Programa Nacional de Educação para o 3º ciclo - Projecto de EF da (s) escola (s)).

O objecto da primeira etapa de trabalho com a turma, no começo do ano lectivo, é a avaliação inicial, cujo propósito fundamental consiste em determinar as aptidões e dificuldades dos alunos nas diferentes matérias do respectivo ano do curso, procedendo simultaneamente à revisão/ actualização dos resultados obtidos no ano anterior. Para poder assumir as decisões de orientação e organização mais acertadas o

professor procurará, no contexto da aula de Educação Física (em que o ensino e aprendizagem, o desafio e a superação são uma constante) e num período relativamente alargado (4 ou 5 semanas), aperceber-se da forma como os alunos aprendem, do modo como se situam em relação ao programa previsto para o ano de escolaridade e das suas possibilidades de desenvolvimento. Esta etapa assume uma importância particular nos anos iniciais de cada ciclo de escolaridade, face à eventualidade de um grande número de alunos serem oriundos de escolas e de turmas diferentes o que cria a necessidade de construir um clima de relações interpessoais favorável, atenuando a excessiva heterogeneidade da turma, no que se refere ao nível de desempenho dos alunos, decorrente de currículos ou exigências diferenciadas em anos anteriores. (Programa Nacional de Educação para o 3º ciclo - plano de turma, a dimensão operacional do plano).

Em resumo, nesta etapa de trabalho o professor recolhe os dados que lhe permitem decidir sobre o modo mais eficaz de organizar a sua intervenção e a actividade dos alunos. Identifica os alunos que vão precisar de maior acompanhamento, que apresentam mais dificuldades; as matérias em que os alunos se encontram mais distantes no nível de objectivos do programa, e que deverão merecer mais atenção (no tempo e tratamento a disponibilizar); as capacidades motoras que merecem uma atenção especial (em alunos ou grupo de alunos); os aspectos críticos no tratamento das matérias e na organização da turma, etc. (Programa Nacional de Educação para o 3º ciclo - plano de turma, a dimensão operacional do plano)

## 7. DESPORTOS COLECTIVOS

Os Jogos Desportivos Colectivos continuam a desfrutar de grande popularidade e a serem objecto de investigação (TAVARES in *O Ensino dos Jogos Desportivos*, Prefácio, 1994).

KONZAG (1985), citado por GRAÇA e OLIVEIRA (1994, pág. 11), afirma que cumpre aos Jogos Desportivos Colectivo contribuir para a concretização dos objectivos definidos pelas actividades de Educação Física e Desporto. Para os atingir, torna-se imprescindível um ensino adequado não obstante as dificuldades apresentadas pelos múltiplos componentes do jogo e as escassas certezas existentes acerca do desenvolvimento metodológico da respectiva formação técnica e tática.

Os Jogos Desportivos Colectivos, designação que engloba, entre outras, modalidades como o Basquetebol, o Andebol, o Futebol e o Voleibol, ocupam um lugar importante na cultura desportiva contemporânea. Devido à riqueza de situações que proporcionam, os Jogos Desportivos Colectivos constituem um meio formativo por excelência (MESQUITA, 1992), na medida em que a sua prática, quando correctamente orientada, induz o desenvolvimento de competências em vários planos, de entre os quais nos permitimos salientar o tático cognitivo, o técnico e o sócio afectivo. Não obstante a riqueza patenteada no alcance e na abrangência de conteúdos deste grupo de desportos, a sua identidade e importância resultam de dois traços fundamentais: 1) o apelo à cooperação entre os elementos duma mesma equipa para vencer a oposição dos elementos da equipa adversária; 2) o apelo à inteligência, entendida como a capacidade de adaptação a novas situações, isto é, enquanto capacidade de elaborar e operar respostas adequadas aos problemas colocados pelas situações aleatórias e diversificadas que ocorrem no jogo (GARGANTA in *O Ensino dos Jogos Desportivos*, 1994, pp. 11-12).

O problema fundamental dos Jogos Desportivos Colectivos, de acordo com GRÉHAIGNE e GUILLOA (1992) (citados por GRAÇA e OLIVEIRA, 1994, p. 12), pode ser enunciado da seguinte forma: numa situação de oposição os jogadores devem coordenar as acções com a finalidade de recuperar, conservar e fazer progredir a bola, tendo como objectivo criar situações de finalização e marcar golo ou ponto.

O desenvolvimento das diferentes modalidades desportivas tem sido influenciado por diferentes correntes de pensamento e pelos conhecimentos provenientes de múltiplas disciplinas científicas. Esses conhecimentos tiveram um impacto importante, primeiro nas modalidades individuais como o Atletismo e a Natação e posteriormente nos Jogos Desportivos Colectivos, através da transposição directa de meios e métodos, sem ter em consideração a especificidade estrutural e funcional deste grupo de desportos (GARGANTA in *O Ensino dos Jogos Desportivos*, 1994, p. 13).

As estratégias mais adequadas para ensinar os Jogos Desportivos Colectivos passam por interessar o praticante, recorrendo a formas jogadas motivantes, implicando-o em situações problema que contenham as características fundamentais do jogo. Deve, por isso, propor-se um jogo ou formas jogadas acessíveis, isto é, com regras pouco complexas, com menos jogadores e num espaço mais pequeno, de

modo a permitir a continuidade das acções e elevadas possibilidades de concretização (idem, p. 18).

A especificidade mais representativa dos Jogos Desportivos Colectivos gravita em torno do conceito de equipa, entendida como um grupo de indivíduos reunidos para realizar um objectivo comum previamente definido (BAYER, 1979, citado por GRAÇA e OLIVEIRA, 1994, p. 23).

O ensino dos Jogos Desportivos Colectivos não deve sob pretexto algum circunscrever-se à transmissão de um repertório mais ou menos alargado de habilidades técnicas (o passe, a recepção, o drible...), nem à solicitação de capacidades condicionais e coordenativo condicionais (Resistência, Velocidade, Força, ...) Importa sobretudo desenvolver nos praticantes uma disponibilidade motora e mental que transcenda largamente a simples automatização de regras de acção e princípios de gestão do espaço de jogo, bem como de formas de comunicação e contra comunicação entre os jogadores (GARGANTA in *O Ensino dos Jogos Desportivos*, 1994, p. 23).

Para os Jogos Desportivos Colectivos, o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo contempla, como competência, cooperar com os companheiros para o alcance do objectivo dos Jogos Desportivos Colectivos, realizando com oportunidade e correcção as acções técnico-tácticas elementares em todas as funções, conforme a oposição em cada fase do jogo, aplicando as regras, não só como jogador, mas também como árbitro (Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo – Competências por área).

## 7.1. ANDEBOL

Para que tenhamos a noção do que deve ser observado e avaliado nesta modalidade é necessário consultar o que está previsto na legislação do Ensino Básico. Só assim poderemos definir um referencial que nos será extremamente útil como ponto de partida para o nosso estudo. O Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo indica que, no final deste ciclo, na modalidade de Andebol, os alunos deverão dominar o Nível Introdutório e procurar consolidar o Nível Elementar.

De uma forma sucinta, o que um aluno deverá dominar no final do 3º ciclo são os elementos técnicos da modalidade (pega de bola, passe, recepção, remate, drible) aplicados em diversas situações de jogo, bem como a táctica individual que se

exige a um praticante da modalidade (desmarcação, marcação individual, recuperação defensiva, etc.).

Para além destas componentes, o aluno deverá saber cooperar com os seus colegas e respeitar todos os intervenientes no jogo. São também indicadas algumas das regras das quais os alunos deverão ter a noção para uma melhor aplicação em situação de jogo.

<b>REGRAS DO ANDEBOL</b>	
<b>Regra</b>	<b>Descrição</b>
<i>Objectivo do Jogo</i>	O objectivo do jogo é introduzir a bola na baliza da equipa adversária - <i>acção ofensiva</i> - e impedir que a bola entre na nossa baliza - <i>acção defensiva</i> . É golo quando a bola ultrapassa totalmente a linha de baliza ou de golo, isto é, a linha marcada entre os postes da baliza e por baixo da barra. O Andebol é um desporto colectivo em que a bola é jogada com as mãos, jogado por duas equipas de 7 jogadores de campo, sendo um deles o guarda-redes. Cada equipa pode ainda ter 5 jogadores suplentes.
<i>Início e Recomeço do Jogo</i>	O jogo tem duas partes iguais de 30 minutos, com intervalo de 10 minutos. No final do tempo regulamentar de jogo, pode existir uma igualdade, quando o número de golos obtidos por ambas as equipas é igual. Uma equipa vence o jogo quando no final do mesmo conseguiu marcar mais golos que a equipa adversária.
<i>Formas de Jogar a Bola</i>	É permitido lançar, apanhar, parar, empurrar ou bater na bola,, utilizando as mãos (abertas ou fechadas), braços, cabeça, tronco, coxas e joelhos. Ao guarda-redes é permitido tocar a bola com qualquer parte do corpo enquanto em situação defensiva dentro da área de baliza.
<i>Violações por dribles e passos</i>	Dribles: Fazer dois dribles: ressaltar a bola, agarrá-la e driblar novamente. Passos: Dar mais de três passos na posse da bola. Estas faltas resultam em livres.
<i>Violações da área de baliza</i>	Quando um jogador de campo viola a área de baliza, deverá ocorrer uma sanção, conforme a irregularidade cometida. Poderá ser um lançamento livre ou um lançamento de sete metros.
<i>Infracções à regra de conduta com o adversário</i>	Expressões físicas e verbais que sejam incompatíveis com o espírito de desportivismo são consideradas conduta antidesportiva. Esta sanção tanto se aplica a jogadores como a oficiais, dentro ou fora do terreno de jogo. A sanção progressiva também é aplicável em casos de conduta antidesportiva.

## 7.2. BASQUETEBOL

Conforme foi estabelecida uma ligação entre a legislação do Ensino Básico e o Andebol, é agora necessário fazer o mesmo mas para o Basquetebol. O Programa

Nacional de Educação Física para o 3º ciclo indica que, no final deste ciclo, na modalidade de Basquetebol, os alunos deverão dominar o Nível Elementar e parte do Nível Avançado.

De uma forma sucinta, o que um aluno deverá dominar no final do 3º ciclo são os elementos técnicos da modalidade (pega de bola, passe, recepção, lançamento, drible, desarme e ressalto) aplicados em diversas situações de jogo, bem como a tática individual que se exige a um praticante da modalidade (desmarcação, marcação individual, recuperação defensiva, etc.). No 9º ano é introduzido parte do nível Avançado que requiere elementos de tática colectiva (como a ocupação racional do espaço de jogo, situações de superioridade numérica, etc.).

Para além destas componentes, o aluno deverá saber cooperar com os seus colegas e respeitar todos os intervenientes no jogo. São também indicadas algumas das regras das quais os alunos deverão ter a noção para uma melhor aplicação em situação de jogo.

<b>REGRAS DO BASQUETEBOL</b>	
<b>Regra</b>	<b>Descrição</b>
<i>Objectivo do Jogo</i>	O objectivo do jogo é introduzir a bola na cesto da equipa adversária - <i>acção ofensiva</i> - e impedir que a bola entre no nosso cesto - <i>acção defensiva</i> . O Basquetebol é um desporto colectivo em que a bola é jogada com as mãos, jogado por duas equipas de 5 jogadores de campo.
<i>Início do Jogo</i>	O jogo inicia-se com um lançamento de bola ao ar, realizado pelo árbitro, no círculo central, entre dois jogadores adversários que, saltando, tentam tocar a bola para os companheiros de equipa.
<i>Bola Fora</i>	Jogar a bola quando esta toca no solo fora do campo (ou sobre a linha) ou quando o jogador se encontra com um pé fora do campo (ou sobre a linha).
<i>Passos</i>	Quando um jogador se encontra na posse de bola e não está a efectuar o drible, apenas poderá mover um dos apoios, sendo o outro o seu pé-eixo. Se o jogador levantar o pé-eixo estará a fazer passos. Contudo, se o jogador se estiver a deslocar em drible (corrida) poderá realizar dois apoios com a bola na sua posse antes de a passar ou lançar ao cesto.
<i>Dribles</i>	Não são considerados dribles: <ul style="list-style-type: none"> <li>- Tentativas sucessivas para obter um cesto;</li> <li>- Perda acidental e recuperação da posse de bola pelo jogador no início ou fim do drible;</li> <li>- Tentativas para ganhar a posse de bola, batendo-a para a afastar dos outros jogadores que a disputam;</li> <li>- Tocando-a para a tirar da posse de um outro jogador;</li> <li>- Intercepção dum passe e recuperação da bola;</li> </ul>

	<p>- Passar a bola de mão(s) para mão(s) permitindo que esta fique parada antes de tocar no solo, desde que o jogador não cometa uma violação à regra do caminhar.</p> <p>Um jogador não poderá efectuar um segundo drible depois de ter terminado o primeiro, a menos que o execute depois de ter perdido a posse de bola por:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Um lançamento ao cesto;</li> <li>- Um batimento de bola por um adversário;</li> <li>- Um passe ou toque inseguro, com a bola a ter ou ser tocada por outro jogador.</li> </ul> <p>Uma infracção deste artigo é uma violação.</p>
<i>Bola Presa</i>	<p>Considera-se bola presa quando dois ou mais adversários tiverem uma ou ambas as mãos sobre a bola, ficando esta presa. A bola deve ser reposta em jogo por um lançamento ao ar (pelo árbitro) entre dois adversários no círculo mais próximo.</p>
<i>Faltas Pessoais</i>	<p>Falta pessoal é a que cometida por um jogador, envolve contacto com um adversário, quer a bola esteja em jogo viva quer morta.</p> <p>Um jogador não deve obstruir, agarrar, empurrar, carregar, rasteirar, impedindo a progressão de um adversário utilizando os braços estendidos, os ombros, os joelhos ou os pés, ou inclinando o corpo para outra posição que não seja a normal, nem deve usar qualquer tipo de violência.</p>
<i>Três Segundos</i>	<p>Enquanto a sua equipa está com a posse de bola, um jogador não pode permanecer mais do que 3 segundos dentro da área restritiva do adversário.</p> <p>As linhas que limitam a área restritiva fazem parte da mesma e um jogador em contacto com uma dessas linhas está na área restritiva.</p> <p>A regra dos 3 segundos aplica-se em todas as situações de fora de campo. A contagem começa no momento em que o jogador que vai repor a bola em jogo está fora do campo e tem a mesma à sua disposição (bola em jogo).</p> <p>A restrição dos 3 segundos não se aplica quando a bola está no ar durante um lançamento ao cesto, um ressalto ou quando a bola está morta.</p> <p>Pode admitir-se tolerância a um jogador que, estando na área restritiva menos do que 3 segundos, drible nela para lançar ao cesto.</p> <p>Uma infracção deste artigo é uma violação.</p>

### **III. METODOLOGIA**

### **III. METODOLOGIA**

Neste capítulo vamos descrever a metodologia utilizada para a construção de uma proposta de grelha de avaliação diagnóstica para o 3º ciclo do Ensino Básico comum às modalidades de Andebol e de Basquetebol.

Procurámos ao longo de todo este processo garantir a máxima legitimidade ao estudo e, por este motivo, existiram diversos procedimentos, referidos adiante, que tiveram que ser levados em conta. Para além de termos tido sempre a grande preocupação de manter o rigor de procedimentos em todas as fases do estudo, garantimos sempre que os demais intervenientes fossem salvaguardados. Desta forma, e como iremos referir adiante, o anonimato dos diversos docentes inquiridos, bem como a ausência de referência dos autores das grelhas recolhidas foi sempre garantido aos mesmos, mantendo assim a ética científica que pretendemos conferir ao nosso estudo.

#### **1. TIPO DE INVESTIGAÇÃO**

O nosso estudo é de natureza qualitativa. De acordo com essa natureza, será feita a análise documental, descrição do seu conteúdo e, a partir daí, elaboração de conclusões que possam levar à melhoria de documentos ou à criação de novos. A investigação qualitativa apresenta cinco características, referem BOGDAN e BIKLEN (1994): 1) “Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador, o instrumento principal”; 2) “A investigação qualitativa é descritiva”; 3) “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos”; 4) “Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva”; 5) “O significado é de importância vital na abordagem qualitativa”.

SILVERMAN (2003, p. 353) apresenta três sugestões a ter em conta quando se desenvolve um estudo de natureza qualitativa. Em primeiro lugar deve-se ter uma abordagem analítica clara. Vários estudos reconheceram o valor de se definir uma abordagem clara, definindo um conjunto de conceitos e métodos para seleccionarmos os nossos dados e iluminar a nossa análise. Como segunda sugestão, este autor refere que se deve reconhecer que uma análise bem sucedida vai para além de uma lista, já que, segundo ele, lhe parece que a contribuição distinta que os investigadores

qualitativos podem fazer está em utilizarem os seus recursos teóricos na análise profunda de pequenos corpos de dados partilháveis publicamente. Como terceira sugestão, o autor refere que se devem limitar os dados já que as abordagens qualitativas dependem de uma análise de dados muito detalhada e para se fazer essa análise eficazmente tem que se possuir um corpo de dados limitado para trabalhar. (ibidem)

## 2. PROBLEMA

O tema do nosso trabalho é o da construção de instrumentos de observação de práticas educativas, no âmbito do seminário de Análise de Ensino. Para o desenvolvimento deste tema partimos do seguinte problema: Em que medida é possível a construção de uma grelha de observação comum de andebol e basquetebol para a avaliação diagnóstica dos alunos do ensino básico? Que requisitos deve cumprir?

O objectivo deste estudo é, desta forma, procurar fazer a análise de alguns dos documentos existentes no âmbito da observação na sala de aula, nomeadamente nas aulas de Educação Física, e da Avaliação Diagnóstica, tudo isto inserido no 3.º Ciclo do Ensino Básico, para o qual direccionámos a nossa investigação. Para além desta análise, foi efectuada a recolha de diversas grelhas de Avaliação Diagnóstica, de Andebol e de Basquetebol, procurando averiguar aquilo que os professores procuram observar nestas modalidades. A partir destes documentos recolhidos teve início o desenvolvimento de uma proposta de grelha de observação comum que foi sendo alterada ao longo do nosso estudo com o intuito de se aprimorar cada vez mais, chegando o mais próximo possível do que a Legislação ordena e do que a realidade das Escolas exige.

### 2.1. QUESTÕES DE INVESTIGAÇÃO

Para dar resposta ao nosso problema definimos as seguintes questões de investigação:

- Que instrumentos de registo de observação utilizam os professores nas aulas de Andebol e Basquetebol para a avaliação diagnóstica?

- Quais os aspectos comuns e como os organizar numa grelha de observação?
- A que especificidades deve obedecer uma grelha comum relativamente às duas modalidades?
- Que requisitos deve cumprir o conteúdo da grelha de observação?

## 2.2. OBJECTIVOS DA INVESTIGAÇÃO

A “decomposição” do tema inicial em pequenas questões de investigação é bastante útil, facilitando a abordagem ao problema e possibilitando que seja feito um trabalho progressivo neste estudo, analisando um aspecto de cada vez, começando pela recolha das grelhas de observação utilizadas e respectiva descrição, passando pela sua análise estrutural e de conteúdo. Para finalizar, será necessário determinar a possibilidade de se construir uma grelha comum, baseando-a em aspectos comuns encontrados nas grelhas, mas tendo também em conta as especificidades apresentadas pelas modalidades. Todas estas questões terão resposta após a análise documental que será efectuada e o seu confronto com a didáctica dos programas, contando também com a preciosa colaboração dos especialistas que colaboraram no nosso estudo.

## 3. AMOSTRA

Foi feita uma recolha de grelhas de Avaliação Diagnóstica de Andebol e de Basquetebol (ANEXO I). O procedimento tomado foi através de contacto telefónico com os estagiários, a partir do qual nos deslocámos às Escolas para recolha dessas mesmas grelhas. Esta recolha foi efectuada apenas junto de núcleos de Estágio, como forma de uniformizar a amostra recolhida. Aquando do contacto com os estagiários foi garantido aos mesmos que as grelhas recolhidas não iriam ser apresentadas com a sua informação pessoal, nem dos seus alunos, ou seja, foi garantido o anonimato em todo o processo que o nosso estudo envolve. Foram consideradas nove grelhas de Avaliação Diagnóstica de Andebol e nove grelhas de Avaliação Diagnóstica de Basquetebol. O critério de selecção das escolas foi o de escolher apenas escolas com Ensino Básico, pois este estudo é unicamente dirigida para este nível de ensino, procurando também escolher escolas da zona de Coimbra, complementando com uma grelha que pudesse provocar um eventual contraste de hábitos de trabalho,

grelha essa recolhida em Lisboa. Os núcleos de Estágio seleccionados foram os seguintes: Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Cantanhede (de onde foram recolhidas as grelhas denominadas de Andebol 1 e Basquetebol 4); Escola Secundária de Sampaio (Andebol 2 e Basquetebol 3); Escola E.B. 2/3 Castro Matoso de Oliveirinha (Andebol 3 e Basquetebol 1); Escola Básica de Sever de Vouga (Andebol 4); Escola Secundária com 3º ciclo da Gafanha da Nazaré (Andebol 5 e Basquetebol 5); Agrupamento Vertical Martim de Freitas (Andebol 6 e Basquetebol 6); Escola Secundária Dr. Jaime Magalhães Lima (Andebol 7 e Basquetebol 7); Escola Básica, 3 de Mealhada (Andebol 8 e Basquetebol 8) e Escola Secundária de Anadia (Andebol 9, Basquetebol 2 e Basquetebol 9).

#### 4. TÉCNICAS E INSTRUMENTOS

##### 4.1. ANÁLISE DOCUMENTAL

A análise documental é, na realidade, uma forma de análise de conteúdo. Um documento é um escrito que tem uma existência num contexto alargado: leis, registos de nascimento, se se tratar de um documento público; um diário, uma carta, livros se tiver um carácter mais pessoal.

No caso do nosso estudo os documentos que analisámos são do domínio público pois servem de um referencial que, embora seja para uso do professor, é de alguma forma comunicado ao aluno e baseia-se no programa que é do domínio público.

Os textos, refere FLICK “servem a três finalidades no processo de pesquisa qualitativa: representam não apenas os dados essenciais nos quais as descobertas se baseiam, mas também a base das interpretações e o meio central para a apresentação e a comunicação de descobertas” (2004, p. 45). Para este investigador, a compreensão nas realidades sociais através da interpretação de textos, característica da investigação qualitativa, coloca duas questões: “o que acontece na tradução da realidade para o texto e o que acontece na retradução dos textos para a realidade ou na inferência a partir de textos para realidades?” (idem, p. 46). A análise de documentos é, assim vista, uma construção a partir de um texto que é, também, uma representação de uma realidade. O que fizemos no nosso estudo foi obter uma representação de uma dada realidade, construindo a partir daí a primeira grelha de

observação, que constituía, portanto, uma representação global do conteúdo dos instrumentos elaborados pela sua amostra.

Retomaremos este tema mais em pormenor quando abordarmos a análise de conteúdo.

#### 4.2. INQUÉRITO POR QUESTIONÁRIO

As investigações qualitativas, onde se insere o nosso estudo, caracterizam-se pela utilização de diversos métodos de recolha de dados. A entrevista e o questionário são dois tipos de inquérito que podem ser utilizados nessa recolha de dados. O inquérito por questionário foi o método adoptado ao longo deste estudo, e pode ter como objectivos: 1) “estimar certas grandezas absolutas” (por exemplo, despesas ao longo de um certo período); 2) “estimar grandezas relativas” (quando elaboramos uma tipologia); 3) “descrever uma população ou sub população (determinar as características dos compradores de um produto); 4) “verificar hipóteses” (verificar se a natureza ou a frequência de um comportamento varia com a idade). (GHIGLIONE e MATALON, 2001, p. 106). A concepção e a redacção de um questionário são inteiramente determinadas pela exploração estatística que para ele esteja prevista. O questionário deve ser concebido de tal forma que não haja necessidade de outras explicações para além daquelas que estão explicitamente previstas. A construção do questionário e a formulação das questões constituem, portanto, uma fase crucial do desenvolvimento de um inquérito (idem, p.108). DAMAS e DE KETELE (1985, p.131) citando JAVEAU (1978) afirmam que a realização de um inquérito passa por uma série de fases que importa seguir, embora a sua ordem não apresente uma sequência rigorosamente cronológica. Assim, são apresentadas quinze etapas: 1) A definição do objecto do inquérito; 2) O inventário dos meios materiais postos à disposição das realizações do inquérito; 3) As buscas prévias; 4) a determinação dos objectivos e das hipóteses de trabalho; 5) A determinação da população de referência; 6) A construção da amostra; 7) A redacção do projecto de questionário; 8) A prova do questionário ou pré-teste; 9) A redacção do questionário definitivo; 10) A formação eventual dos inquiridores; 11) A realização material do inquérito; 12) A codificação dos questionários; 13) A análise dos resultados ou primeiros tratamentos; 14) A validação da amostra e a análise dos resultados; 15) A redacção do relatório.

Foram elaborados dois questionários ao longo do nosso estudo, ambos através do mesmo processo. O primeiro questionário elaborado foi aplicado a um grupo de docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física (Questionários denominados de Q1, Q2 e Q3) enquanto que o segundo se destinou a Orientadores de Estágio (Questionários denominados de QP1 a QP5), docentes em Escolas que detêm protocolos com a FCDEF. É de salientar o facto de o anonimato dos inquiridos ter sido garantido a partir do primeiro contacto com estes. A elaboração destes questionários foi feita de acordo com os objectivos da nossa investigação e iniciou-se com a construção de uma matriz (ANEXO VIII) onde foram definidos os blocos temáticos e os objectivos para cada um dos questionários, tendo em conta o que pretendíamos saber com as diferentes aplicações a cada um dos grupos inquiridos. Definidos os objectivos de cada um procedeu-se à elaboração do questionário propriamente dito. Em cada um dos questionários estava destinada uma primeira parte para os dados pessoais do inquirido, surgindo depois a recolha da informação necessária para o cumprimento dos objectivos definidos para o grupo em causa.

A aplicação dos questionários foi feita na Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física e nas Escolas onde os vários Orientadores exercem as suas funções de docentes. O propósito do estudo e do questionário em si era explicado aos inquiridos e após esta explicação o questionário era entregue aos docentes. Quando os docentes terminavam de preencher o questionário, este era devolvido para posterior análise.

O tratamento dos dados foi efectuado através de uma grelha de análise de conteúdo (ANEXO IX) onde foram definidas categorias, sub-categorias e depois distribuídas as respectivas unidades de registo a cada inquirido. Desta forma foi possível criar uma síntese das respostas que cada grupo indicou para o seu questionário e elaborar um texto descritivo, essencial na análise de resultados e no processo de aperfeiçoamento das grelhas de observação.

#### 4.3. ANÁLISE DE CONTEÚDO

A análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e

adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações. (BARDIN, 1979, p. 31)

A análise de conteúdo pode ser uma análise dos “significados” (exemplo: a análise temática), embora possa ser também uma análise dos “significantes” (análise léxica, análise dos procedimentos). Este tipo de análise pode ser denominado de análise categorial que pretende tomar em consideração a totalidade de um texto, passando-o pelo crivo da classificação e do recenseamento, segundo a frequência de presença (ou de ausência) de itens de sentido. É o método das categorias, espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivas, da mensagem. (idem, pp. 34-37).

A intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou, eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não). (idem, p. 38).

As diferentes fases da análise de conteúdo são: 1) A pré análise, fase de organização propriamente dita e que corresponde a um período de intuições mas tem por objectivo sistematizar as ideias iniciais. Geralmente, esta fase possui três missões, a escolha dos documentos, a formulação das hipóteses e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final; 2) A exploração do material, administração sistemática das decisões tomadas e consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração, em função das regras previamente formuladas; 3) Tratamento dos resultados obtidos e interpretação, os resultados brutos são tratados de maneira a serem considerados significativos (“falantes”) e válidos. (idem, pp. 95-101)

A categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação e, seguidamente, por reagrupamento segundo o género (analogia), com os critérios previamente definidos. A categorização tem como primeiro objectivo (da mesma maneira que a análise documental), fornecer, por condensação, uma representação simplificada dos dados brutos. Assim, a categorização pode empregar dois processos inversos: a) é fornecido o sistema de categorias e repartem-se da melhor maneira possível os elementos, à medida que vão sendo encontrados. Este é o procedimento por “caixas”; b) o sistema de categorias não é fornecido, antes resultante da classificação analógica e progressiva dos elementos. Este é o procedimento por “milha”. Um conjunto de categorias boas, deve

possuir as seguintes qualidades: a exclusão mútua, a homogeneidade, a pertinência, a objectividade e a fidelidade, e a produtividade. (idem, p. 117-120).

O procedimento que adoptámos envolveu o sistema por caixas, através do qual definimos unidades de registo (fragmentação da informação fornecida para melhor análise do seu conteúdo), tendo em conta o que cada inquirido afirmou no âmbito das diversas categorias do questionário. Através destas unidades de registo foram construídos indicadores que nos orientam em relação ao que é transmitido pelos especialistas e, desta forma, pudemos reformular as categorias para que se tornassem mais adequadas ao conteúdo.

## 5. CONSTRUÇÃO DO INSTRUMENTO DE OBSERVAÇÃO

O nosso estudo desenvolveu-se em duas fases. Em primeiro lugar, uma fase indutiva que envolveu a recolha de vários instrumentos de Avaliação Diagnóstica de Andebol e Basquetebol e a análise das suas componentes comuns e especificidades, de forma a conhecer os produtos elaborados pelos professores e uma segunda fase, onde procurámos construir, a partir da teoria, dos programas e da análise crítica das grelhas recolhidas, uma proposta de grelha de observação comum à Avaliação Diagnóstica do Andebol e do Basquetebol. Como forma de conferir um carácter mais fidedigno ao estudo e conferir bases de sustentação ao instrumento de avaliação diagnóstica a produzir, ao longo do processo de análise das grelhas de avaliação recorremos à consulta de especialistas, em duas etapas: em primeiro lugar a docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra e, em segundo lugar, a diversos Orientadores de Escolas com protocolo com a Faculdade atrás referida. Em relação aos Docentes da FCDEF, foi-lhes pedido que, à luz do Programa Nacional de Educação Física, criticassem a grelha que resultou da síntese das grelhas recolhidas nas várias Escolas. Quanto aos Orientadores de Escola, e após a nossa proposta de grelha ter sido alterada de acordo com os questionários dos Docentes da FCDEF, foi-lhes pedida a sua opinião acerca dos vários temas constantes da grelha e da sua compatibilidade com o Programa, procurando verificar desta forma a validade do seu conteúdo e da sua construção. Foi a partir deste segundo questionário que apresentámos a nossa proposta final de grelha comum. Desta forma procurámos sempre que o nosso estudo mantivesse um rumo que foi o da construção de um instrumento de observação que pudesse realmente vir

a ser utilizado pelos profissionais da área da Educação Física. É daí que vem a importância de consultar os especialistas atrás referidos e, a partir das suas opiniões, crenças e conhecimentos, reestruturar, reformular e, essencialmente, melhorar a nossa grelha.

Procurámos, como dissemos, fazer uma verificação da validade da construção do instrumento através da consulta a especialistas da área da Educação Física. Este procedimento, embora não garanta a validade do instrumento por se tratar de julgamentos, tal como referem ROSADO e COLAÇO (2002, p. 118) permite-nos de qualquer modo verificar aquilo a que estes autores chamam de evidência de constructo. O que solicitámos aos especialistas foi a “avaliação da coerência entre as concepções educativas e os dados recolhidos pelos sistemas e instrumentos de avaliação que utilizam” (ibidem), ou seja, pedimos aos especialistas que se pronunciassem acerca das suas concepções e os dados que aquele instrumento permite recolher.

Possuir validade de conteúdo significa que o sistema ou o instrumento de avaliação avalia de forma representativa e proporcional os objectivos do ensino, os temas e os processos (perceptivo-cognitivos, intelectuais ou sociais) envolvidos. (ibidem). A validade de conteúdo refere-se ao “grau com que a amostra de itens, tarefas ou questões num teste são representativos de um universo definido ou área de conteúdo (idem, p.99, citando A.P.A. 1985). As respostas dos inquiridos permitiram-nos, pela sua experiência, aferir o conteúdo do instrumento construído relativamente ao indicado no programa de Educação Física.

Os métodos utilizados para estimar a fidelidade intra-observador (garantia de consistência interna, podemos verificar se um mesmo observador é consistente nas observações que faz) e inter-observadores (objectividade do teste, mede em que medida uma mesma acção é registada da mesma forma por dois ou mais observadores) são os mesmos. Apenas a matriz de dados a tratar difere. Enquanto que no primeiro caso, consideraremos os registos que o mesmo observador fez em dois ou mais momentos diferentes, no segundo, consideraremos os registos que os diferentes observadores fizeram das mesmas acções. (ROSADO e COLAÇO, 2002, pp. 128-129) Em relação ao instrumento que produzimos, estes dois tipos de fiabilidade ficam por testar já que, nas Escolas, todo o processo de Avaliação Diagnóstica decorre no início do ano lectivo, inviabilizando assim a aplicação das nossas grelhas.

## **IV. ANÁLISE DE RESULTADOS**

## **IV. ANÁLISE DE RESULTADOS**

### **1. ANÁLISE DAS GRELHAS RECOLHIDAS**

Após o levantamento de elementos (ANEXO II) a partir das grelhas recolhidas pelas diversas escolas e núcleos de estágio, grelhas essas que foram numeradas de 1 a 9, foi feito um resumo, a seguir apresentado, onde foi possível verificar quais os elementos que surgem ocasionalmente nas avaliações diagnósticas e aqueles que, segundo esta amostra de grelhas, elaboradas por Professores Estagiários de Educação Física, são verdadeiramente essenciais para a avaliação da prestação dos alunos nestas modalidades.

Para o Andebol, foi possível verificar que o Passe e o Remate, com nove presenças, e o Drible, com 8 presenças, são os elementos que reúnem maior unanimidade entre as grelhas. É importante referir que todas as grelhas prevêm uma situação de jogo para avaliação destes elementos, a par de situações analíticas.

Para o Basquetebol, os elementos dominantes destacam-se ainda mais e são eles, o Passe e o Drible, com presença em todas as grelhas recolhidas, seguidos pelos lançamentos na passada e em apoio com, respectivamente, nove e oito presenças. Nesta modalidade verifica-se exactamente o mesmo que para o Andebol, ou seja, é sempre prevista uma situação de jogo onde se possam observar todos os elementos, para complementar a observação feita em situação analítica.

Como se pode ver facilmente, as grelhas destas duas modalidades apresentam-se bastante similares. Os elementos principais são exactamente os mesmos, o Passe e o Drible, e com as devidas especificidades, o Remate no Andebol, e o Lançamento no Basquetebol.

### **2. UMA PROPOSTA DE GRELHA DE OBSERVAÇÃO**

Construiu-se uma primeira grelha provisória, a partir das grelhas recolhidas. (ANEXO III) Esta grelha incluía pontos comuns às duas modalidades, bem como as especificidades de cada uma e serviu como ponto de partida para uma crítica efectuada por diversos docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, à luz da teoria e da didáctica dos programas, dando lugar a uma segunda grelha provisória como apresentaremos adiante.

Nesta primeira grelha, juntámos os elementos comuns às duas modalidades num primeiro tronco, onde concentrámos o passe, a recepção e o drible de progressão. Depois, tentámos que aparecessem as especificidades de cada modalidade, o remate para o Andebol e o lançamento em apoio e na passada para o Basquetebol. Dado que a situação de jogo apareceu em todas as grelhas, optámos por colocar apenas essa situação nesta grelha provisória. Em relação aos parâmetros de classificação adoptados para esta grelha, são os que estão definidos no Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo, o Introdutório, o Elementar e o Avançado, fazendo-se assim a distinção dos alunos por nível.

## 2.1. PASSE

O passe é um elemento chave em qualquer jogo desportivo colectivo, é através dele que os jogadores de uma mesma equipa trocam a bola entre eles para que possam progredir no terreno de jogo e organizar as suas jogadas de ataque, é por esta razão que o passe se mostra tão fundamental e justifica-o com a sua presença em praticamente todas as grelhas recolhidas.

Saber executar um passe é fundamental no Andebol. Há dois tipos de passe no Andebol, o passe de ombro e o passe picado, o mais utilizado é, claramente, o passe de ombro. Este tipo de passe é utilizado para que a equipa possa progredir mais rapidamente no terreno, em direcção à baliza do adversário.

Em relação ao Basquetebol, a utilização do passe também se apresenta bastante útil na organização do jogo. No Basquetebol, existem vários tipos de passe, o passe de peito, o passe picado, o passe de ombro e o passe por cima da cabeça. O passe de peito é, principalmente a nível dos grupos de aprendizagem, o género de passe mais utilizado e tem como objectivo que a equipa com posse de bola possa progredir mais rapidamente no terreno, em pequenas e médias distâncias.

Para o Andebol, as componentes críticas do passe de ombro são:

- Pegar a bola com os dedos bem afastados;
- Colocar o pé contrário à mão que tem a bola ligeiramente mais à frente que o outro, para dar mais equilíbrio;
- “Armar” o braço (antebraço no prolongamento do Ombro e o braço virado para cima);

- Transferência do peso do corpo, da perna mais recuada, para a que está mais avançada
- Enviar a bola com um movimento do braço de trás para a frente;
- Terminar o movimento com uma extensão do braço e simultaneamente uma “chicotada” da mão.

Para o Basquetebol, as componentes críticas do passe de peito são:

- Partir da posição básica ofensiva;
- Bola segura junto ao peito, com as duas mãos, colocando os polegares na parte posterior da bola e direccionando os restantes dedos para cima.
- Colocação dos cotovelos junto ao tronco na fase inicial;
- Extensão completa dos Membro Superior (M.S.) em direcção ao alvo;
- Rotação dos pulsos, orientando os dedos na direcção do alvo e as palmas das mãos para fora;
- Direcção da bola para o peito do colega e avanço de um dos apoios,
- Trajectória da bola tensa e rectilínea.

## 2.2. RECEPÇÃO

Se o passe é fundamental num jogo colectivo, então não podemos, de modo algum, negar a importância que tem a recepção, importante complemento do primeiro elemento referido. Para que a eficácia do passe seja verificada numa jogada de ataque, é essencial que também as recepções sejam eficazes e bem executadas, para que as jogadas possam prosseguir de um modo fluido e sem quebras.

Assim, no Andebol, como no Basquetebol, a recepção é o gesto técnico que permite ao jogador ficar de posse da bola após um passe de um colega ou, como disse anteriormente, dar continuidade ao ataque através de uma correcta circulação de bola.

Para o Andebol, as componentes críticas da recepção são:

- Os braços devem encontrar-se estendidos;
- Cotovelos descontraídos;
- Palmas das mãos voltadas para a frente;
- Polegares tocam um no outro formando com os indicadores um “W”;
- Após o contacto com a bola, deve flectir os braços para amortecer a sua velocidade;

- Proteger a bola com o corpo.

Para o Basquetebol, as componentes críticas da recepção são:

- Olhar dirigido para a bola;
- Movimento ao encontro da bola com os antebraços em extensão completa;
- Mãos em forma de concha com os dedos bem afastados;
- Membros Inferiores (M.I.) flectidos e tronco ligeiramente inclinado à frente;
- Flexão dos M.S., no contacto com a bola, flexão, para amortecer a velocidade da bola;
- Receber a bola, agarrando-a na parte posterior, com polegares atrás.

### 2.3. DRIBLE

Passar é a forma mais eficiente de atravessar o campo com a bola. Mas há outra forma que não pode ser descurada: o drible. Um bom jogador no drible é aquele que dificilmente perde a bola, e, sem a posse da bola, é impossível marcar pontos, objectivo final do jogo. Portanto, driblar é uma capacidade que todos os alunos devem desenvolver.

No caso do Andebol, o drible tem como objectivos a fuga da pressão defensiva, a abertura ou melhoria de uma linha de passe, a progressão para a baliza sempre que não haja um colega mais avançado e melhor colocado para receber o passe ou a ocupação de uma determinada posição ou libertação de outra, com intuítos de ordem táctica.

Em relação ao Basquetebol, o drible pode ser de progressão ou de protecção. O drible de progressão é o mais importante e aquele que é mais visado na escola. Deste modo, os objectivos do drible de progressão são a saída de uma zona aglomerada, a fuga da pressão defensiva, a abertura ou melhoria de uma linha de passe, a progressão para o cesto sempre que não haja um colega mais avançado e melhor colocado para receber o passe e a ocupação dum determinada posição ou libertação doutra, com intuítos de ordem táctica.

Para o Andebol, as componentes críticas do drible são:

- Bola conduzida à frente e ao lado.
- Os dedos empurram a bola para a frente e para o solo, numa trajectória oblíqua.
- A bola não deve subir acima da cintura.

- Reduzido tempo de contacto dos dedos com a bola.
- Mão aberta e dedos afastados.
- Olhar dirigido para a frente.
- Flexão e extensão do braço e do pulso.

Para o Basquetebol, as componentes críticas do drible são:

- Controlo da bola, contactando-a por cima, com os dedos afastados;
- Ressonância de bola no solo através da flexão do pulso, ficando os dedos orientados para o solo;
- Drible com a mão mais afastada do defensor, à frente e ao lado do pé;
- Bola impulsionada para um ponto do solo em frente, no sentido do deslocamento;
- Ressonância da bola até ao nível da cintura;
- Não olhar para a bola.

#### 2.4. REMATE

O remate, no Andebol, é o culminar de toda a acção atacante. Todo o fio de jogo de uma equipa é direccionado para que sejam proporcionadas várias hipóteses de remate a fim de finalizar e marcar golos para a equipa. Existem diversas formas de finalizar uma jogada em remate no Andebol, existe o remate em salto, o remate em apoio e o remate em suspensão. O tipo de remate mais utilizado e mais simples para os alunos do Ensino Básico é o remate em suspensão. Este tipo de remate é feito após uma fase de corrida que culmina com a chamada a um pé e posterior remate, como o nome indica, em suspensão. Rematar em suspensão é fazê-lo elevando-se no ar para explorar o espaço acima da defesa, ou para se aproximar da baliza, por cima da área.

Componentes críticas:

- Salto efectuado com o M.I. contrário ao M.S. de remate; com flexão do outro M.I.
- M.S. dominante flectido, armado à retaguarda, formando um ângulo de 90° com o antebraço.
- Rotação ampla do tronco para o lado do M.S. dominante em movimento preparatório.
- Imprimir rapidez à rotação do tronco para a frente simultaneamente com o movimento de extensão do M.S. dominante.

- No momento do lançamento realizar um movimento de “chicotada” no qual os dedos executam uma pressão de cima para baixo sobre a bola, imprimindo-lhe potência.
- Serão realizados 3 apoios finais (ex.: esquerdo, direito, esquerdo) devendo armar-se o M.S. no 2º apoio e rematar após o 3º apoio.

## 2.5. LANÇAMENTO

O lançamento está para o Basquetebol como o remate está para o Andebol, ou seja, é a acção motora que termina toda a acção atacante da equipa. Se no Andebol o objectivo é marcar golos, no Basquetebol é pontuar, para assim ganhar os jogos. É por estes factos que tanto uma como outra acção motora estão na grelha elaborada e justificam claramente a sua utilização.

No Basquetebol, há diferentes tipos de lançamento, o lançamento em apoio, o lançamento na passada e o lançamento em suspensão. No nível de ensino escolhido, os lançamentos abordados são o lançamento na passada e o lançamento em apoio. Estes dois tipos de lançamento têm utilização em situações distintas e por isso justificam a sua aparição especificada.

### Componentes críticas do Lançamento em Apoio:

- Adopção da posição de tripla ameaça;
- Enquadramento com o cesto (corpo e olhar dirigidos para o cesto);
- Ligeiro avanço do pé do lado da mão que lança;
- A bola sobe na vertical e de forma rectilínea, sem desvios laterais, sempre junto ao corpo e segura com as duas mãos;
- Na subida da bola, realizar uma pequena rotação da mão que lança, de forma a ficar por baixo da bola e a mão de apoio lateralmente;
- A mão que lança tem os dedos afastados, a extensão completa do pulso e a palma da mão toca na bola;
- A mão de apoio, deve estar numa posição lateral face à bola, dedos afastados e a apontar para cima;
- Colocação do cotovelo por baixo da bola (braço e antebraço formam um ângulo de 90º) (ver cesto por abixo da bola);

- Extensão do M.S. lançador para cima e ligeiramente para a frente, com a extensão simultânea dos membros inferiores;

- Flexão final do pulso.

Componentes críticas do Lançamento na Passada:

- Corrida oblíqua em direcção ao cesto;

- O primeiro passo é normalmente mais longo e o segundo que antecede o salto, é mais curto;

- O primeiro apoio com o pé do lado da mão que lança, o segundo com o pé contrário;

- Após o segundo apoio, fixação do ponto onde se vai lançar a bola na tabela;

- Bola é inicialmente segura com as duas mãos e junto à zona peitoral;

- A bola sobe até à posição de lançamento com a ajuda da perna de balanço (flectida pelo joelho), que proporciona maior impulsão vertical;

- O movimento das mãos na parte final do lançamento é idêntico ao lançamento parado ou em suspensão;

- A bola é projectada contra a tabela;

- Recepção ao solo é feita com os dois apoios, com flexão dos M.I.

### 3. PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O 3º CICLO

Após termos justificado a elaboração desta primeira grelha provisória a partir de todas as grelhas recolhidas, é agora importante averiguar no Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo, quais são as componentes técnicas que devem ser exigidas e que não surgem na amostra recolhida.

Através de uma análise cuidada ao Programa, verificámos que, para além das componentes que tinham já surgido da recolha das grelhas, o Programa indica também que, neste ciclo, se devem observar os seguintes elementos: a desmarcação e a defesa individual para o Andebol e para o Basquetebol, e o ressalto para o Basquetebol. Olhando, uma vez mais, para os elementos presentes nas diversas grelhas recolhidas, é possível ver que, com excepção do ressalto, os elementos que não constam da nossa grelha provisória mas que o Programa requiere, estão também presentes, embora com pouco destaque. De seguida, apresentamos a descrição de cada um desses elementos, indicados pelo Programa e que não constam da grelha.

### 3.1. DESMARCAÇÃO

A desmarcação é uma acção técnico tática que permite à equipa que ataca criar linhas de passe e, conseqüentemente, situações de superioridade que possibilitem que os atacantes surjam em melhores posições para finalizar as jogadas. É uma acção que pode surgir tanto no Andebol como no Basquetebol.

Componentes críticas:

- Manter a bola dentro do seu campo de visão;
- Fixação do defensor, através de movimentos de aproximação e afastamento rápidos;
- Realizar mudanças de direcção e de velocidade de deslocamento, para surpreender o adversário;
- Utilizar trajectórias rectilíneas de deslocamento
- Mostrar a mão alvo para receber a bola.

### 3.2. DEFESA INDIVIDUAL

A defesa individual ou defesa homem a homem, como por vezes é chamada, corresponde à primeira forma de defesa que é ensinada nos jogos desportivos colectivos de oposição directa. Consiste no facto de que cada jogador que está no papel de defensor deve escolher um atacante e que o deve acompanhar para qualquer que seja a posição que este ocupa enquanto está a atacar.

É uma forma simples de inculcar nos alunos a responsabilidade tática defensiva que por vezes esquecem por estarem demasiado concentrados na bola.

Componentes críticas:

- Controlar o adversário, impedindo ou dificultando a progressão em drible, o passe e o lançamento/ remate, colocando-se entre a bola e o cesto/ baliza na defesa do jogador com bola.
- Impedir ou dificultar a recepção da bola, colocando-se entre o adversário e o cesto/ baliza na defesa do jogador sem bola. Acompanhar a sua movimentação.

### 3.3. RESSALTO

O ressalto é uma importante acção no Basquetebol que consiste na tentativa de recuperação da bola e aplica-se após um lançamento, quer da própria equipa, quer da equipa contrária.

Componentes críticas:

- Prever a zona de queda da bola;
- Acompanhar a trajectória da bola depois do lançamento;
- Reacção rápida ao lançamento;
- Realizar o bloqueio (ofensivo ou defensivo);
- Forte impulsão vertical com as mãos ao nível da cabeça;
- “Atacar a bola” com ambas as mãos;
- Extensão dos segmentos no momento de contacto com a bola;
- Após o ressalto, proteger a bola.

#### 4. ESTAGIÁRIOS VS PROGRAMA, UMA NOVA GRELHA

A etapa seguinte do nosso estudo passou pelo confronto entre a primeira grelha elaborada, fruto da síntese das grelhas de avaliação diagnóstica recolhidas, e a legislação, ou seja, aquilo que o Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Básico indica que se deve observar para os alunos deste ciclo de ensino.

Em relação a esta primeira grelha provisória (ANEXO III), foram contactados vários especialistas para que a criticassem com base nas indicações do Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Básico. Neste sentido foi aplicado um questionário que servisse os propósitos deste estudo (ANEXO VI).

Os especialistas da FCDEF inquiridos foram três no total, com 10, 11 e 20 anos de serviço docente e com uma média de 40 anos de idade, sendo que dois são do sexo masculino e um do sexo feminino, com formações académicas de Licenciatura (dois docentes) e Mestrado (um docente). Em relação à categoria profissional, todos estes docentes são assistentes na FCDEF.

Estes docentes criticaram a primeira grelha provisória em relação à sua concepção e à sua aplicabilidade. No que concerne à concepção desta grelha os docentes consideraram que não estava de acordo com os Programas por apresentar apenas exercícios critério e por nível programático. Quanto à aplicabilidade da grelha, os três docentes inquiridos referiram o facto de esta ser restrita à avaliação da técnica

e por este motivo não permitir que fosse estabelecido um diagnóstico, mencionaram ainda o facto de ser necessário avaliar o comportamento geral dos alunos em jogo e não apenas as componentes técnicas, embora em situação de jogo.

Foi pedido também a estes docentes que dessem sugestões e propostas de melhoria para a construção de uma nova grelha. Neste âmbito os docentes referiram essencialmente aspectos relacionados com o Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Básico. Deste modo, e em relação à análise dos Programas, dois dos docentes referiram que se deveria saber o que caracteriza cada nível para que se pudesse saber onde situar os alunos e qual o nível que se deveria trabalhar. Quanto à aplicação dos Programas na prática, já que este é um dos objectivos deste estudo, 2/3 dos inquiridos indicaram que se deveriam introduzir situações de jogo simplificado, contemplando deste modo aspectos tácticos do jogo, aspectos esses que estavam descurados na primeira grelha apresentada. Um aspecto fundamental da avaliação diagnóstica foi também referido por um docente e prende-se com o facto de esta grelha possibilitar ao professor situar correctamente os alunos no seu nível para o planeamento das suas aprendizagens ser adequado.

Tendo em conta todos os aspectos atrás mencionados, a grelha provisória, que havia sido elaborada apenas através da síntese dos instrumentos de observação utilizados pelos estagiários, foi reformulada. Desta forma surgiu uma nova grelha de observação (ANEXO IV) onde, para além dos aspectos considerados pertinentes pelos estagiários, surgiam também as indicações do Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Básico, essenciais na construção de qualquer instrumento de observação que se pretenda que seja susceptível de ser utilizado convenientemente no processo de ensino-aprendizagem. As alterações de maior destaque prendem-se com o facto de, nesta nova grelha, não se procurar verificar se o aluno executa ou não um gesto técnico. Procura-se, de acordo com o Programa, verificar se em determinada situação o aluno tem a capacidade de executar o gesto técnico ou táctico mais adequado. Assim, em vez de classificar por níveis cada um dos gestos técnicos, como era feito na grelha síntese dos estagiários, procura-se observar se o aluno cumpre os requisitos de determinado nível numa dada situação criada em função desse nível.

## 5. PROPOSTA FINAL DE GRELHA DE OBSERVAÇÃO

Tendo em conta as críticas e sugestões dos docentes da FCDEF, a grelha inicial foi reformulada, dando origem a uma segunda grelha provisória (ANEXO IV). Para que o nosso estudo tivesse maior credibilidade e validade foram inquiridos vários Orientadores de Escolas que detêm protocolo de Estágio com a FCDEF, como forma de consultar os Professores que aplicam realmente estas grelhas na prática.

Estes Orientadores foram cinco no total, com número de anos de serviço docente entre os 9 e os 17 anos e com uma média de 36 anos de idade, sendo que três são do sexo masculino e dois do sexo feminino, com formações académicas de Licenciatura (dois docentes) e Mestrado (três docentes). Em relação à categoria profissional, todos estes docentes são Professores do Quadro de Nomeação Definitiva (PQND).

A estes docentes foi apresentado um questionário (ANEXO VII) que requeria essencialmente que, à luz do Programa Nacional de Educação Física para o Ensino Básico, os Professores dessem o seu parecer acerca desta segunda grelha elaborada.

É de salientar que, de uma forma geral, os docentes se dividiram um pouco nas respostas que deram neste questionário, o que deixa antever que, apesar de o Programa ser o mesmo, existem sempre diferentes interpretações e pontos de vista sobre os assuntos ligados ao Ensino.

Em relação à Avaliação, 60% dos inquiridos afirmaram que esta grelha permite diferenciar os alunos, consoante o nível em que se encontram através da complexificação gradual das acções motoras e comportamentos dos alunos nas diversas situações (parâmetros). Em contraste com esta opinião, os restantes 40% referiam que a grelha não permite diferenciar os alunos e que deveriam constar exercícios critério com as acções que de facto se destacam nos diversos níveis.

O parâmetro visado de seguida foi no âmbito da legislação. As respostas tiveram a mesma dispersão do tema anterior, 60% dos Orientadores inquiridos afirmaram que a grelha está em conformidade com o PNEF, visto que privilegia as opções (acções técnico-tácticas) dos alunos em situação de jogo, em vez de referir acções motoras isoladas, e 40% afirmaram que esta grelha não está em conformidade com o PNEF.

Relativamente aos parâmetros de avaliação apresentados na grelha as opiniões foram bastante mais divergentes. Obtivemos respostas que consideram os parâmetros simples e de fácil utilização, mas também existem docentes que consideram que a grelha contém demasiada informação para o objectivo a que se

propõe. Das respostas dadas, destacamos a de um docente que refere que deveria ser introduzida uma legenda para que se pudesse diferenciar no registo na grelha se o aluno executa com sucesso, se executa na situação correcta mas sem sucesso ou se não executa.

De seguida, e em relação ao facto de a grelha permitir avaliar a técnica e a tática em simultâneo ou não, obtivemos o conjunto de respostas mais consensual deste questionário, onde 80% dos Orientadores referem que através de formas reduzidas de jogo é possível avaliarmos a técnica e a tática.

Finalmente, e no que concerne às críticas à grelha já elaborada, foi perguntado aos Orientadores se encontravam possíveis obstáculos à sua utilização. Apenas um docente não detectou qualquer possível obstáculo na utilização da grelha, sendo que os restantes apontaram diferentes motivos que pensam que seriam um obstáculo à utilização desta grelha. Destacamos aqui aquelas que consideramos terem sido as mais pertinentes. A primeira põe a hipótese de no jogo poderem não surgir as acções que nos garantem que o aluno se encontra num determinado nível. A segunda questiona acerca da avaliação de todos os alunos na posição de guarda-redes.

Após terem criticado a grelha anterior, foi também pedido aos Orientadores que sugerissem itens a melhorar na elaboração da grelha final que será posteriormente apresentada. Aqui, como é normal, dada a abertura da questão, as sugestões foram diversas. Destacamos então uma sugestão que foi apresentada por 40% dos docentes e que refere que a “flutuação” no nível Elementar em Andebol deve ser transferida para o nível Avançado por ser uma acção técnico tática de alguma complexidade para os alunos.

De acordo com estas preciosas indicações, fornecidas por Orientadores de Estágio que estão habituados a pôr grelhas de observação em prática, e com o que tinha sido já feito, foi elaborada uma proposta de grelha final (ANEXO V). Na elaboração desta grelha foram tidos em conta todos elementos recolhidos ao longo do estudo, desde a teoria existente neste âmbito, à legislação e, por último à opinião dos especialistas.

Em relação à grelha anterior, as modificações prenderam-se essencialmente com aspectos da aplicação da grelha na prática. As situações de jogo foram uniformizadas para os três níveis dentro de cada modalidade pois não foi considerado viável pelos Orientadores que se aplicassem diversas situações de jogo a todos os alunos, depreende-se que seria um processo muito demoroso. Dentro dos aspectos a

observar dentro dos jogos, apenas foram clarificados. Por exemplo, quando se falava de circulação de bola no Andebol, fala-se agora de circulação de bola através de passe de ombro. Também para que a aplicação da grelha fosse facilitada, foi introduzida uma legenda para que os observadores compreendam o que de facto vão classificar e foi estabelecida de uma forma mais visível a separação entre Andebol e Basquetebol.

## 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

É fundamental, neste ponto, cruzar toda a informação recolhida ao longo do nosso estudo de forma a justificar tudo o que fizemos e para melhor se entender o processo de alteração que a grelha elaborada sofreu.

A opção por uma grelha para duas modalidades baseia-se naquilo a que GRAÇA e OLIVEIRA (1994, pág. 15) denominam prática transferível nos Jogos Desportivos Colectivos. Estes autores consideram que existem dois tipos de atitudes face ao ensino dos JDC. Uma em que se parte do princípio que cada JDC tem uma especificidade de tal forma elevada que o seu ensino e treino devem ocorrer a partir da utilização de princípios, meios e técnicas que lhe são exclusivos e outra que resulta da convicção de que, não obstante a especificidade de cada um dos JDC, existem modalidades entre as quais é possível reconhecer semelhanças e, a partir daí, construir situações que permitam a assimilação de princípios comuns, recorrendo a meios e até a algumas técnicas comuns (ibidem). É neste segundo tipo de atitudes que se baseiam os princípios da prática transferível e nos quais assentam as bases do nosso estudo. Se é possível a transferência de competências de uma modalidade para outra devido à sua similaridade em diversos níveis, porque não construir uma grelha de observação comum a essas modalidades? Os autores acima mencionados falam em *construir situações que permitam a assimilação de princípios comuns*, ou seja, planear o ensino destas modalidades de uma forma comum. Se as situações pelas quais os alunos vão passar ao longo do ensino serão semelhantes entre as modalidades, as suas avaliações poderão e deverão também ter algo em comum.

BAYER (1985) e CECCHINI (1985), citados por GRAÇA e OLIVEIRA (1994, pág. 16) referem-se à prática transferível alegando que o jovem através de uma prática multiforme evitará uma especialização precoce, assegurando-se a possibilidade de transferir as suas aquisições numa actividade para outra modalidade.

Num universo tão vasto como é o dos JDC, as pontes ou ligações mais viáveis parecem ser aquelas que podem estabelecer-se entre o Andebol, o Basquetebol e o Futebol já que no plano energético funcional, são jogos que fazem apelo a esforços intermitentes, mistos alternados e podem ser considerados actividades de resistência, em regime de velocidade, de força e de coordenação tático-técnica (TEODORESCU, 1984, citado por GRAÇA e OLIVEIRA, 1994, pág. 17). Dum ponto de vista tático técnico, em todos estes jogos existe luta directa pela posse da bola, há invasão do meio campo adversário e as trajectórias predominantes são de circulação da bola (CREVOISIER, 1984; GARGANTA E SOARES, 1986, citados por GRAÇA e OLIVEIRA, 1994, pág. 17).

Neste momento poderia colocar-se uma dúvida relacionada com o último formato que toma a grelha por nós elaborada: Da forma que está construída não poderá ser uma grelha comum a quaisquer modalidades que se queiram? Efectivamente, em termos de “papel” essa situação seria possível, mas nunca seria uma situação viável na prática já que o que se pretende é fazer a observação comum a duas modalidades que pela sua similaridade possam ter aprendizagens comuns e avaliações comuns e não simplesmente possibilitar que numa mesma folha de papel estejam presentes critérios de avaliação para duas modalidades. Partindo da análise das grelhas recolhidas confirmámos a similaridade entre os elementos do Andebol e do Basquetebol referidas pelos autores acima citados, já que, conforme já foi indicado nesta dissertação, os elementos principais são exactamente os mesmos, o Passe e o Drible, e com as devidas especificidades, o Remate no Andebol, e o Lançamento no Basquetebol. Facilmente poderemos verificar que, na grelha elaborada, apesar da separação das duas modalidades (conforme nos foi indicado pelos Orientadores de Escola para simplificar o processo de observação) os elementos que se pretendem avaliar são praticamente os mesmos. Existe um tronco comum às duas modalidades que engloba acções como o passe, o drible, a posição base e os deslocamentos, mas é também salvaguardada a especificidade de cada modalidade, como por exemplo, no Andebol são previstos os comportamentos do Guarda-redes.

Foi possível, através da amostra recolhida, que é no fundo uma amostra das Grelhas de Avaliação Diagnóstica utilizadas pelos Professores, verificar que não se encontram conforme a legislação já que prevêm apenas a avaliação das componentes técnicas, embora em situação de jogo. Essa é exactamente uma das

críticas feitas pelos docentes da FCDEF quando inquiridos acerca da compatibilidade entre a grelha síntese elaborada e o Programa. Para os Jogos Desportivos Colectivos, o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo contempla, como competência, cooperar com os companheiros para o alcance do objectivo dos Jogos Desportivos Colectivos, realizando com oportunidade e correcção as acções técnico-tácticas elementares em todas as funções, conforme a oposição em cada fase do jogo, aplicando as regras, não só como jogador, mas também como árbitro (Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo – Competências por área). É de acordo com estes factos que os docentes da FCDEF, corroborados posteriormente pelos Orientadores de Escola, afirmam a importância de se observar a capacidade dos alunos agirem correctamente de acordo com uma dada situação, ao contrário de verificar apenas se executam ou não os gestos. Assim, a nossa grelha não poderia deixar de apresentar a avaliação dos comportamentos e das decisões dos alunos em várias situações criadas, ao contrário do que inicialmente se pressupunha através da síntese das grelhas recolhidas.

De acordo com POSTIC (1977) citado por SARMENTO (1993, p. 22), em termos de técnicas de observação, é possível construir um sistema de observação quer pelo uso de categorias, quer de sinais. Os comportamentos fundamentais, que ocorrem mais frequentemente, deverão ser registados num sistema de categorias e os de frequência rara num sistema de sinais. Esta foi uma situação que os docentes da FCDEF questionaram: de que forma iria ser feito o registo? Sabendo que o objectivo da Avaliação Diagnóstica é dar indicações (o mais precisas possível) do nível de alunos de cada turma, o método utilizado só poderia ser por sinais. Num sistema por sinais prevê-se, antecipadamente, uma lista de incidentes que podem sobrevir durante a observação, pondo-se em destaque, apenas, o aparecimento do sinal, sem anotar, muitas vezes, a sua frequência.

## **V. CONCLUSÕES**

## **V. CONCLUSÕES**

Ao chegar ao ponto culminante deste estudo é importante salientar aquilo que se pôde concluir a partir de todo o processo de investigação que levámos a cabo no âmbito da Análise de Ensino: construção de instrumentos de observação de práticas educativas.

Ao iniciarmos esta investigação, como em qualquer investigação qualitativa, definimos um problema a partir do qual direccionámos o nosso rumo. Esse problema foi exposto da seguinte forma: Em que medida é possível a construção de uma grelha de observação comum de andebol e basquetebol para a avaliação diagnóstica dos alunos do ensino básico? Que requisitos deve cumprir?

Nesta fase podemos afirmar, de acordo com os docentes da FCDEF e com os Orientadores de Escola inquiridos que esta situação é viável, desde que o Programa Nacional de Educação Física para o 3º ciclo seja respeitado e que sejam garantidas algumas especificidades das modalidades em questão. Através da síntese das grelhas recolhidas foi possível a elaboração de uma grelha comum, onde era apresentado um tronco comum a ambas as modalidades e elementos específicos de cada modalidade, mas, a partir da consulta ao Programa e aos docentes da FCDEF, concluiu-se que esta não estava de acordo com o estabelecido na lei, não sendo assim a sua utilização exequível neste ciclo de ensino.

A primeira ilação que foi possível tirar desde processo foi que, de facto, a amostra de grelhas recolhida, representativa dos instrumentos utilizados pelos Professores, não está totalmente de acordo com os Programas de Educação Física. Os professores optam por observar as componentes técnicas isoladas, embora em situação de jogo, descurando assim tudo o que envolve o cumprimento destes gestos, ou seja, de uma forma geral, a táctica individual e colectiva é posta de parte na avaliação diagnóstica dos alunos do ensino básico. Este será um aspecto a rever, porque será que esta situação acontece? Será que os Programas não são explícitos no que se refere à avaliação dos alunos nos Jogos Desportivos Colectivos? Seria relevante, numa próxima abordagem a este tema inquirir os Professores que elaboram estas grelhas e que não introduzem as componentes tácticas dos jogos, como forma de percebermos o que os leva a não cumprir o que está previsto no Programa.

Em relação à grelha construída, concluiu-se que, e de acordo com os princípios da prática transferível referida por GRAÇA e OLIVEIRA (1994, pág. 15), o Andebol e o Basquetebol são modalidades bastante similares e podem por isso incluir-se vários elementos técnicos, táticos ou técnico-táticos num tronco comum da grelha. Apesar de o modo de apresentação desses elementos na nossa grelha não conter este tronco, ele está subentendido e é facilmente detectado numa breve análise ao seu conteúdo. Quanto às especificidades que a grelha apresenta, são aquelas que de início se verificam na diferenciação das duas modalidades e estão relacionados com as próprias características das modalidades. Desta forma, o Andebol apresenta o remate e as acções do guarda-redes e o Basquetebol apresenta os lançamentos. Uma limitação deste estudo foi o facto de se ter desenvolvido ao longo do ano lectivo e por tal não foi possível aplicar o instrumento elaborado, ficando a sua fiabilidade por testar. No desenvolvimento futuro deste estudo seria útil a aplicação do instrumento por diversos observadores de forma a comprovar a funcionalidade do mesmo bem como a sua validade e fiabilidade. Ainda em termos de limitações, apontamos a amostra reduzida, já que um tão reduzido número de grelhas poderá não representar os instrumentos que são produzidos nas Escolas.

A avaliação diagnóstica dos alunos é, em qualquer etapa do ensino, fundamental para o planeamento do processo ensino-aprendizagem e para a condução do mesmo. Cabe ao Professor fazer cumprir a legislação existente para cada ciclo e para cada nível de ensino, permitindo dessa forma que todos os alunos tenham acesso a iguais condições de aprendizagem e tenham as mesmas possibilidades de desenvolver as suas capacidades. Pareceu-nos, de acordo com as grelhas recolhidas e com algumas respostas que obtivemos no decorrer do estudo que o Programa é por vezes descurado na avaliação dos alunos. Mais curioso é o facto de alguns dos inquiridos defenderem, nas suas respostas, perspectivas diferentes daquelas que previamente tinham sido apresentadas sob a forma de grelhas de avaliação diagnóstica fornecidas por elementos do mesmo núcleo de estágio. O que será que isto significa? Os Professores não sabem o que consta dos Programas? Ou será que sabem mas por opção própria não os utilizam? Será que o Programa deve ser reestruturado em função do que os práticos indicam? Todas estas são pistas de investigação importantes que se poderão seguir em próximos estudos desta área.

Ao terminar este estudo, consideramos que este foi de extrema importância ao fazer-nos reflectir sobre diversos temas fundamentais para quem pretende iniciar

uma carreira no âmbito da Educação Física e não pretende somente seguir as coisas como estão feitas, mas sim questionar e procurar sempre melhorar, pois só assim a nossa área poderá evoluir. Alguns dos importantes temas abordados e que terão grande utilidade para nós incidem sobre a importante questão das práticas transferíveis, sobre o que o Programa Nacional de Educação Física e sua aplicação nas Escolas e, é claro, a forma como os alunos são avaliados.

Por todo o percurso que este estudo envolveu, pelo constante contacto com as Escolas e com o Programa, consideramos que foi um estudo fundamental, não só em termos de formação mas também em termos profissionais e pessoais.

## **VI. BIBLIOGRAFIA**

## VI. BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1976) *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*, Mem Martins, Ed. Verbo.
- AAVV (2001) *Programa de Educação Física para o 3º ciclo do Ensino Básico (Reajustamento)*.
- ANGUERA, M. T. (1997) *Metodología de la observación en las Ciencias Humanas*, 6ª Edição, Madrid, Ediciones Catedra.
- ARAÚJO, J. (1992) *Basquetebol – Preparação técnica e tática*, Federação Portuguesa de Basquetebol e Associações Regionais de Basquetebol.
- BARATA, J; COELHO, O. (1998) *Hoje há Educação Física*, Texto Editora.
- BARDIN, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BOGDAN, R. e BIKLEN, S. (1994) *Investigação Qualitativa em Educação*, Porto, Porto Editora.
- BRITO, A. P. (1994) *Observação Directa e Sistemática do Comportamento*, Lisboa, Edições FMH.
- BULTERMAN-BOS, J.; TERWEL, J.; VERLOOP, N.; WARDEKKER, W., “Observation in Teaching: Toward a Practice of Objectivity”. *Teachers College Record*, Volume 104, Número 6, pp. 1069-1100, Setembro 2002.
- COHEN, L. e MANION, L. (1990) *Métodos de investigación educativa*, Madrid, La Muralla.
- COSTA, J.(2004) *Jogo Limpo – Educação Física 7º, 8º, 9º*, Porto, Porto Editora.
- CROLL, P. (1995) *La Observación Sistemática en el aula*, Madrid, Editorial La Muralla, S. A.

- CURELLI, J.J. ; LANDURÉ, P. (1999) *O Andebol*, Lisboa, Editorial Estampa.
  
- DAMAS, M. J.; DE KETELE, J. M. (1985) *Observar para Avaliar*, Coimbra, Livraria Almedina.
  
- ESTRELA, A.(1992) *Pedagogia, Ciência da Educação?*, Porto, Porto Editora.
  
- ESTRELA, A. (1994) *Teoria e Prática de Observação de Classes*, 4ª Edição, Porto, Porto Editora.
  
- ESTRELA, A. e ESTRELA, M. T. (1994) *A técnica dos incidentes críticos no ensino*, Lisboa, Editorial Estampa.
  
- FERNANDES, F. (1984) *Dicionário Ilustrado da Língua Portuguesa*, Lisboa, Editorial Verbo.
  
- FLICK, U. (2004). *Uma Introdução à Pesquisa Qualitativa*. São Paulo: Artmed.
  
- GHIGLIONE, R.; MATALON, B. (2001) *O Inquérito. Teoria e Prática*, 4ª Edição, Oeiras, Editora Celta.
  
- GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (1995) *O Ensino dos Jogos Desportivos*, FCDEF-UP, Centro de Estudos dos Jogos Desportivos.
  
- MIALARET, G. (1999) *As Ciências da Educação*, 7ª Edição, Lisboa, Livros e Leituras.
  
- OLIVEIRA, F. (1995) *Ensinar o Andebol*, Porto, Campo das Letras Editores.
  
- PIÉRON, M. (1996) *Formação de Professores: Aquisição de Técnicas de Ensino e Supervisão Pedagógica*, Tradução de SARMENTO, P., Lisboa, Edições FMH.
  
- POSTIC, M. (1990) *A Relação Pedagógica*, Tradução de TORRÃO, J. N., 2ª Edição, Coimbra, Coimbra Editora.

- POSTIC, M. e DE KETELE, J. M. (1992) *Observar las situaciones educativas*, Madrid, Narcea.
  
- REBOUL, O. (2000) *Filosofia da Educação*, Lisboa, Edições 70.
  
- RIBEIRO, L. (1999) *Avaliação da Aprendizagem*, Lisboa, Texto Editora.
  
- RIBEIRO, M. (1992) *Teoria geral do Andebol*, Lisboa, Departamento da Federação Portuguesa de Andebol (FPA).
  
- SARMENTO, P. (1993) *Pedagogia do Desporto: Instrumentos de Observação Sistemática da Educação Física e Desporto*, 2ª Edição, Lisboa, Edições FMH.
  
- SARMENTO, P.; MOREIRA, M.; CARNEIRO, A.; FERREIRA, C. (1991) *A Observação de Movimentos Desportivos*, Lisboa, Direcção Geral dos Desportos.
  
- SIEDENTOP, D. (1998) *Aprender a enseñar la educación física*, Barcelona, INDE.
  
- SILVA, A. E PINTO, J. (1999) *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Aprontamento.
  
- SILVERMAN, D. (2003) *Collecting and Interpreting Qualitative Materials*, 2nd Edition, Thousand Oaks, Sage.
  
- TITMUSS, D. (1991) *Guia Prática do Basquetebol*, Lisboa, Editorial Presença.
  
- WRAGG, E. C. (1999) *Na Introduction to classroom observation*, 2nd Edition, Routledge, London.
  
- Despacho Normativo 30/2001 de 22 de Junho.
  
- Despacho Normativo 1/2005 de 5 de Janeiro.

## **ANEXOS**

## ÍNDICE DE ANEXOS

### **ANEXO I – Grelhas de Avaliação Diagnóstica de Andebol e Basquetebol**

1. Grelha Andebol 1 (Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Cantanhede)
2. Grelha Andebol 2 (Escola Secundária de Sampaio)
3. Grelha Andebol 3 (Escola E.B. 2/3 Castro Matoso de Oliveirinha)
4. Grelha Andebol 4 (Escola Básica de Sever de Vouga)
5. Grelha Andebol 5 (Escola Secundária c/ 3ºciclo da Gafanha da Nazaré)
6. Grelha Andebol 6 (Agrupamento Vertical Martim de Freitas)
7. Grelha Andebol 7 (Escola Secundária Dr. Jaime Magalhães Lima)
8. Grelha Andebol 8 (Escola Básica 2, 3 de Mealhada)
9. Grelha Andebol 9 (Escola Secundária de Anadia)
10. Grelha Basquetebol 1 (Escola E.B. 2/3 Castro Matoso de Oliveirinha)
11. Grelha Basquetebol 2 (Escola Secundária de Anadia)
12. Grelha Basquetebol 3 (Escola Secundária de Sampaio)
13. Grelha Basquetebol 4 (Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos de Cantanhede)
14. Grelha Basquetebol 5 (Escola Secundária c/ 3ºciclo da Gafanha da Nazaré)
15. Grelha Basquetebol 6 (Agrupamento Vertical Martim de Freitas)
16. Grelha Basquetebol 7 (Escola Secundária Dr. Jaime Magalhães Lima)
17. Grelha Basquetebol 8 (Escola Básica 2, 3 de Mealhada)
18. Grelha Basquetebol 9 (Escola Secundária de Anadia)

### **ANEXO II – Elementos presentes nas grelhas recolhidas**

**ANEXO III – Grelha Comum a Andebol e a Basquetebol (síntese das grelhas recolhidas)**

**ANEXO IV – Grelha Comum a Andebol e a Basquetebol (após ter sido recolhida a opinião dos Docentes da FCDEF)**

**ANEXO V – Grelha Comum a Andebol e a Basquetebol (após ter sido recolhida a opinião dos Docentes da FCDEF e dos Orientadores de Escola)**

## **ANEXO VI – Questionário aos Docentes da FCDEF**

Questionário Q1

Questionário Q2

Questionário Q3

## **ANEXO VII – Questionário aos Orientadores de Escola**

Questionário QP1

Questionário QP2

Questionário QP3

Questionário QP4

Questionário QP5

## **ANEXO VIII – Matrizes**

Matriz para questionário aos Docentes da FCDEF

Matriz para questionário aos Orientadores de Escola

## **ANEXO IX – Grelhas de Análise Conteúdo**

Grelha de análise do questionário aos Docentes da FCDEF

Grelha de análise do questionário aos Orientadores de Escola

**ANEXO I**

# Grelha Observação - Andebol -

Nº	Componente técnica	Passe de ombro			Recepção			Remate em suspensão			Componente Jogo			Balançaço			Componentes Críticas Fundamentais – Situação Analítica	
	Nome	0	1	2	0	1	2	0	1	2	0	1	2	0	1	2		
1																		
2																		
3																		
4																		
5																		
6																		
7																		
8																		
9																		
10																		
11																		
12																		
13																		
14																		
15																		
16																		
17																		
18																		
19																		
20																		
21																		
22																		
23																		
24																		
25																		
26																		
<i>Totais</i>																		

**Passe de ombro:**

- ✚ Orientar-se para o colega a que se vai passar a bola;
- ✚ Avançar o pé contra-lateral à mão que passa;
- ✚ Armar o braço, formando um ângulo de 90 graus entre o braço e o antebraço, com cotovelo à altura do ombro (pelo menos);
- ✚ Manter a palma da mão por detrás da bola;
- ✚ Rodar o tronco na execução do passe, recuando o ombro livre à medida que o outro avança.

**Recepção:**

- ✚ Orientar-se para a bola;
- ✚ Estender os M.S. na direcção da bola, com cotovelos contraídos;
- ✚ Recepção média ou alta: dedos afastados, com mão em forma de concha e polegares tocam um no outro formando um W com os indicadores;
- ✚ Recepção baixa: dedos afastados, com mão em forma de concha os dedos mínimos tocam um no outro formando um M com os anelares;
- ✚ No contacto com a bola realizar flexão dos cotovelos, para amortecer a sua velocidade.

**Remate em suspensão:**

- ✚ Realizar 3 passadas (no máximo);
- ✚ Elevar o joelho do lado do M.S. que remata;
- ✚ Realizar o gesto técnico de passe durante a fase aérea;
- ✚ Recepção ao solo com a perna impulsora.

**Determinantes Tácticas – Componente jogo**

- ✚ Respeito pelas regras
- ✚ Cooperação com os companheiros
- ✚ Desmarcação ofensiva
- ✚ Marcação defensiva

## PROTOCOLO DA AVALIAÇÃO DIAGNOSTICA DE ANDEBOL

Gestos Técnicos		Nível	Comportamentos
<b>SITUAÇÃO ANALÍTICA</b>	Passe de ombro	0	Não executa
		1	Executa com cotovelo junto ao tronco e/ou flexão exagerada do antebraço sobre o braço.
		2	Realiza passe tenso, colocando correctamente os apoios, arma o braço e realiza a rotação do tronco.
	Recepção	0	Não executa.
		1	Executa com M.S. demasiado rígidos.
		2	Executa recepção, envolvendo todos os segmentos corporais e protege a bola para novas acções motoras.
	Remate em suspensão	0	Não executa.
		1	Executa com deficiente colocação dos apoios e/ou em desequilíbrio.
		2	Executa elevando o joelho do lado do M.S. que remata, demonstrando segurança no gesto.
<b>SITUAÇÃO DE JOGO</b>		0	Não participa activamente no jogo, não coopera com os companheiros nem respeita as regras de jogo.
		1	Coopera com os companheiros, respeita as regras de jogo e participa no jogo, mas de forma anárquica e/ou sem eficácia.
		2	Coopera com os companheiros, respeita as regras de jogo e em acção ofensiva desmarca-se ocupando correctamente a sua posição no campo. Em acção defensiva posiciona-se correctamente entre o adversário e a baliza.



**ESCOLA SECUNDÁRIA DE SAMPAIO**  
**Núcleo de Estágio de Educação Física**

Ano: \_\_\_ Turma: \_\_\_

**Andebol (situação de jogo)**

Data: \_\_/\_\_/\_\_

NIVEL 1	NIVEL 2	NIVEL 3
<ul style="list-style-type: none"><li>● A maioria dos alunos persegue indiscriminadamente a bola, aglutinando-se em torno dela.</li><li>● A circulação da bola não é voluntária.</li><li>● Abuso da comunicação verbal.</li><li>● Imobilismo dos jogadores sem bola.</li><li>● Alvos (balizas/cestos) não construídos.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>● Valorização do jogo em profundidade.</li><li>● Bola recuada, relativamente ao espaço de jogo efectivo (jogadores à frente da linha da bola).</li><li>● Comunicação gestual começa a sobrepor-se à verbal.</li><li>● Alguma agressividade ofensiva.</li><li>● Dois estatutos: rematador e não rematador.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>● Gestão racional do espaço de jogo.</li><li>● Agressividade ofensiva.</li><li>● Alternância do jogo em largura com o jogo em profundidade (a circulação da bola é voluntária).</li><li>● Predomínio da comunicação gestual.</li></ul>

**Nível em que a turma se encontra:**

Ano: \_\_\_ Turma: \_\_\_ **Andebol (técnica individual)**

**Data:** \_\_/\_\_/\_\_



Nº	Nome	NE	E	INT	ELE	AVA								
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														

## Critérios de Êxito

### Exercício 1 / Exercício 2 / Exercício 3

**Passé de peito:** Bola à altura do peito, polegares na parte posterior da bola; Rotação externa dos pulsos; ligeira rotação do tronco na direcção do passe; **Recepção:** olhar dirigido para a bola; Ligeira rotação do tronco na direcção do passe; braços ligeiramente flectidos; dedos bem abertos; polegares na mesma direcção; **Lançamento na passada:** Realização de 2 apoios (direito-esquerdo); Elevação do joelho da perna livre; Olhar dirigido para o cesto; Execução em suspensão e com a mão oposta à perna de impulsão. **Drible de Progressão:** Tronco ligeiramente inclinado à frente; Contactar a bola com a mão aberta, dedos estendidos e afastados, o batimento através da flexão do pulso; Driblar a bola à frente e ao lado do pé, com a mão mais afastada do defensor; Olhar dirigido para a frente; **Lançamento em Apoio:** M.I. flectidos, com os pés à largura dos ombros, com o pé do lado da mão que lança ligeiramente avançado; mão lançadora colocada por baixo da bola com os dedos afastados e a apontar para cima; a outra mão colocada ligeiramente ao lado e à frente; Cotovelo colocado por baixo da bola (braço e antebraço formam um ângulo de 90°); A bola sai da mão quando o M.S que a impulsiona atinge a extensão completa;

### Exercício 4

#### Nível Introdutório

- ✓ Lança se tem situação de lançamento, utilizando lançamento na passada ou de curta distância
- ✓ Dribla para progredir no campo de jogo e/ou para ultrapassar o seu adversário directo
- ✓ Passa com segurança a um companheiro desmarcado
- ✓ Desmarca-se oportunamente
- ✓ Quando a equipa perde a posse da bola, assume de imediato uma atitude defensiva marcando o seu adversário directo

#### Nível elementar

- ✓ Desmarca-se oportunamente para oferecer linha de primeiro passe, senão corta para o cesto
- ✓ Liberta-se do defensor

- ✓ Aclara em corte para o cesto
- ✓ Participa no ressalto ofensivo

Nível Avançado

- ✓ Explora situações de 3x2, 2x1, finalização rápida
- ✓ Desenquadra o seu para finalizar
- ✓ Após passe corta para o seu adversário directo, ajuda-

GRELHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA					
<i>Andebol</i>					
N.º	Nomes	Desmarcação	Passe	Remate	Drible
1					
2					
3					
4					
5					
6					
7					
8					
9					
10					

procurando uma  
adversário directo  
cesto  
ultrapassado pelo  
o (entreaajuda)

11					
12					
13					

# AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA - ANDEBOL

19					
20					
21					
22					
23					
24					
25					
<b>Legenda:      I - Introdotório      E - Elementar      A - Avançado</b>					



4 – Assume posição defensiva.	1 – Ocupação equilibrada do espaço; 2 – Passe, remate ou drible, em função da situação ; 3 – Flutuação; 4 – Iniciar o ataque (GR).	3 – Bloco; 4 – Colabora com a defesa dando instruções (GR).
-------------------------------	---	--

## Grelhas de Observação (Andebol)

N.º	Nomes	I <sub>1</sub>	I <sub>2</sub>	I <sub>3</sub>	I <sub>4</sub>	E <sub>1</sub>	E <sub>2</sub>	E <sub>3</sub>	E <sub>4</sub>	A <sub>1</sub>	A <sub>2</sub>	A <sub>3</sub>	A <sub>4</sub>	Nível
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														
8														

**ESCOLA SECUNDÁRIA DR. JAIME MAGALHÃES LIMA**

**FICHA DIAGNOSTICA DE ANDEBOL**

**ANO:**

**TURMA:**

**DATA:** / /

N.º	Nome	Exercícios						Regras	Média/aluno
		Exercício critério				Situação de jogo 4x4			
		drible	passé	Recep.	Remate	Enquadra-se ofensivamente.	Enquadra-se defensivamente		
1									
2									
3									
4									
5									
6									
7									
8									
	<b>Média/exercício</b>								

<b>Média geral da turma</b>	
-----------------------------	--

<b>Legenda:</b>	<b>1 – Não executa</b>	<b>2 – Executa</b>	<b>3 – Executa bem</b>

**Grelha de Avaliação Diagnóstica de Andebol**

Nº	Nomes	Passe de Ombro			Recepção			Drible			Remate em apoio			Remate em Suspensão			Situação de Jogo		
		NE	E	EB	N E	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	E B
1																			
2																			
3																			
4																			
5																			
6																			
7																			
8																			
9																			
10																			
	<b>Total</b>																		

## FICHA DE AVALIAÇÃO FORMATIVA DE ANDEBOL

ANO / TURMA :

DATA :

NOMES	Situação de jogo								
	Atitude defensiva			Atitude ofensiva			Participação no jogo		
	1	2	3	1	2	3	1	2	3
1.									
2.									
3.									
4.									
5.									
6.									

## PROTOCOLO DA AVALIAÇÃO FORMATIVA

Situação de Jogo	Nível	Comportamentos
<b>Atitude defensiva</b>	1	Não adopta uma postura defensiva.
	2	Adopta uma postura defensiva.
	3	Adopta uma postura defensiva, escolhendo as melhores acções individuais para evitar o golo adversário.
<b>Atitude ofensiva</b>	1	Não adopta uma postura atacante.
	2	Adopta uma postura atacante.
	3	Adopta uma postura atacante, escolhendo as melhores opções para a equipa com vista a obtenção do golo.
<b>Participação no jogo</b>	1	Não participa no jogo.
	2	Participa activamente no jogo.
	3	Participa activamente no jogo, de uma forma interessada e motivando e ajudando os companheiros.

Avaliação Diagnóstica Basquetebol

		Exercício 1 / Exercício 2 / Exercício 3										Exercício 4		
		Passe		Recepção		Lançamento na passada		Drible de Progressão		Lançamento em apoio		Jogo 3x3		
Nº	Nome	NE	E	NE	E	NE	E	NE	E	NE	E	INT	ELE	AVA
1														
2														
3														
4														
5														
6														
7														

## AVALIAÇÃO DIAGNOSTICA DE BASQUETEBOL

Nº	Nomes	Situação de Jogo																			
		Passe de Peito			Drible de progressão			Lançamento na passada			Drible com mudança de direcção			Lançamento parado			Acção Ofensiva			Acção Defensiva	
																	Com Bola	Sem Bola			
NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	NR	R	RB	Enq.	Res.	Des.	Res.	Posic.		
1																					
2																					
3																					
4																					
5																					
6																					

N. R.: Não Realiza

R.: Realiza

R.B.: Realiza



**ESCOLA SECUNDÁRIA DE SAMPAIO**  
*Núcleo de Estágio de Educação Física*





Nome	0	1	2	0	1	2	0	1	2	0	1	2	0	1	2	0	1	2	0	1	2	
1																						
2																						
3																						
4																						
5																						
6																						
7																						
8																						
9																						
10																						
11																						
12																						
13																						
14																						
15																						
16																						
17																						
18																						
19																						
20																						
21																						
22																						
23																						
24																						
25																						
26																						

**Passar de peito:**

- ✚ Segurar a bola junto ao peito com as duas mãos;
- ✚ Manter cotovelos junto ao peito;
- ✚ Extensão dos M. S. paralelamente ao solo;
- ✚ Após o passe, rotação das palmas das mãos para fora com dedos na direção do alvo.

**Recepção:**

- ✚ Olhar dirigido para a bola;
- ✚ Movimento ao encontro da bola com os antebraços em extensão completa;
- ✚ Mãos em forma de concha com os dedos bem afastados;
- ✚ No momento de contacto com a bola realizar flexão dos braços e deslocar um apoio à retaguarda.

**Drible:**

- ✚ Batimento da bola com a mão os dedos estendidos e afastados;
- ✚ Flexão do pulso no momento de empurrar a bola para o solo;
- ✚ Driblar a bola ao lado do corpo (até ao nível da cintura).

**Lançamento em apoio:**

- ✚ Posicionar a mão que lança debaixo da bola, com dedos afastados;
- ✚ Colocar a mão de apoio lateralmente na bola;
- ✚ Extensão simultânea dos membros inferiores e superiores para cima, realizando o lançamento acima da cabeça;
- ✚ Flexão final do pulso.

**Lançamento na passada:**

- ✚ Bola segura com as duas mãos junto ao peito;
- ✚ O primeiro apoio com o pé do lado da mão que lança, o segundo com o pé contrário;
- ✚ O primeiro passo é mais longo e o segundo, é mais curto;
- ✚ Saltar na vertical
- ✚ Execução da fase final do lançamento idêntico ao anterior

**Determinantes Tácticas – Componente jogo**

- ✚ Respeito pelas regras
- ✚ Cooperação com os companheiros
- ✚ Desmarcação ofensiva
- ✚ Marcação defensiva

**Grelha Observação - Basquetebol -**

## PROTOCOLO DA AVALIAÇÃO DIAGNOSTICA DE BASQUETEBOL

Gestos Técnicos		Nível	Comportamentos
<b>SITUAÇÃO ANALÍTICA</b>	<b>Passé peito</b>	0	Não executa
		1	Segura a bola com as duas mãos, mas a trajectória da bola é curvilínea
		2	Faz a extensão completa dos M.S., direcciona os dedos para o alvo e imprime uma trajectória rectilínea à bola.
	<b>Recepção</b>	0	Não executa.
		1	Executa com M.S. flectidos.
		2	Executa, com extensão completa dos M.S, flectindo-os para amortecer a velocidade da bola.
	<b>Drible</b>	0	Não executa
		1	Realiza o batimento da bola acima da cintura, sem flexão do pulso.
		2	Realiza o batimento da bola com flexão do pulso, à altura da cintura.
	<b>Lançamento em apoio</b>	0	Não executa.
		1	Má colocação das mãos na bola e lançamento parte da altura do peito.
		2	Correcta colocação das mãos na bola, com lançamento acima da cabeça e flexão final do pulso.
<b>Lançamento na passada</b>	0	Não executa.	
	1	Executa com insegurança e/ou com os apoios trocados.	
	2	Realiza os apoios correctamente e executa o gesto técnico com segurança.	
<b>SITUAÇÃO DE JOGO</b>	0	Não participa activamente no jogo, não coopera com os companheiros nem respeita as regras de jogo.	
	1	Coopera com os companheiros, respeita as regras de jogo e participa no jogo, mas de forma anárquica e/ou sem eficácia.	
	2	Coopera com os companheiros, respeita as regras de jogo e em acção ofensiva enquadra-se com o cesto, desmarca-se e disputa ressalto de bola; em acção defensiva posiciona-se correctamente entre o adversário e o cesto e disputa ressalto.	



# AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA - BASQUETEBOL

Ac. Mot.		Situação de Jogo 3x3													
Nível	Defesa			Passe de peito			Drible de progressão			Lançamento					
	Introdutório	- Posição base defensiva; - Pés afastados um pouco mais do que a largura dos ombros;			- Agarrar a bola pelos lados com os dedos polegares colocados na parte posterior da bola;			- Contacto com a bola realizado com os dedos;			<u>Em apoio:</u> - Enquadrar com o cesto;			<u>Na passada:</u> - A corrida em drible é oblíqua em relação ao cesto;	
Elementar	- Pés afastados um pouco mais do que a largura dos ombros; - Flexão das pernas ao nível dos joelhos;			- Extensão dos membros superiores paralelamente ao solo num gesto simultâneo;			- Flexão do pulso;			- Adoptar a posição de tripla ameaça;			- O primeiro apoio é longo, sendo o segundo apoio mais curto;		
Avançado	- Tronco na vertical; - Cabeça levantada; <b>DEFESA INDIVIDUAL</b> - <u>Dificultar a acção do atacante;</u> - <u>Utilizar as componentes críticas da posição base defensiva.</u>			- Cotovelos apontam para o chão; - Após o passe, palmas das mãos voltadas para fora e flexão dos pulsos; - <u>Trajectória tensa e dirigida ao alvo;</u> - <u>Cabeça levantada e olhar dirigido para a frente;</u>			- Olhar não dirigido para a bola; - <u>Extensão/ flexão de todas as articulações do membro superior (ombro, cotovelo e pulso);</u> - <u>Altura do ressalto ligeiramente superior à cintura pélvica;</u>			- Pés à largura dos ombros, com o pé do lado da mão que lança ligeiramente avançado; - Pega da bola: mão hábil por baixo da bola e dedos afastados e a apontar para cima. A outra mão colocada ligeiramente ao lado e à frente;			- O lançamento é executado em suspensão; - O pé de impulsão é o pé correspondente ao 2º apoio; - Aquando do 2º apoio deve existir elevação do joelho contrário; - <u>O lançamento propriamente dito é realizado com a mão oposta ao pé de impulsão;</u> - <u>O membro superior lançador no final do lançamento encontra-se em extensão;</u> - <u>O lançamento é realizado acima e à frente da cabeça;</u> - <u>Flexão do pulso no acto do lançamento.</u>		
Alunos		I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	Nível	
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															
8															
9															
17															
18															
19															

## Grelhas de Observação Diagnóstica (Basquetebol)

<p><b><i>I</i></b></p> <p><b><i>Jogo em oposição: 2x2</i></b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Posição facial para o cesto;</li> <li>2. Drible de progressão (direita e esquerda);</li> <li>3. Passe e desmarca;</li> <li>4. Assume posição defensiva.</li> </ol>	<p><b><i>E</i></b></p> <p><b>Jogo em oposição: 2x2</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Passe e corte;</li> <li>2. Lança em situação favorável.</li> <li>3. Drible de protecção;</li> <li>4. Recupera defensivamente dificultando a acção do adversário.</li> </ol>	<p><b><i>A</i></b></p> <p><b>Jogo em oposição: 3x3</b></p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Passe, corte e reposição;</li> <li>2. Ocupa o espaço de forma equilibrada;</li> <li>3. Na posse de bola, adopta atitude de tripla ameaça;</li> <li>4. Enquadra-se defensivamente.</li> </ol>
--	--	---

N.º	Nomes	I <sub>1</sub>	I <sub>2</sub>	I <sub>3</sub>	I <sub>4</sub>	E <sub>1</sub>	E <sub>2</sub>	E <sub>3</sub>	E <sub>4</sub>	A <sub>1</sub>	A <sub>2</sub>	A <sub>3</sub>	A <sub>4</sub>	Nível
1														
2														
3														
4														
5														

## Avaliação Diagnóstica de Basquetebol

**Período-**

**Data :**

**º Ano De Escolaridade**

**Turma:**

Conteúdos		Passe de peito			Recepção			Drible de progressão		
N.º	Nome	1	2	3	1	2	3	1	2	3
1										
2										
3										
4			✓		✓			✓		

**Legenda:**

**1- Não executa o gesto**

**2- Executa com dificuldade**

**3- Executa bem**

Passe de peito	Recepção	Drible de progressão
<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Avançar um dos apoios;</li> <li>✓ Passe partindo do peito;</li> <li>✓ Extensão dos M.S. paralelamente ao solo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Ir ao encontro da bola, com as duas mãos;</li> <li>✓ Colocar os dedos bem abertos e firmes;</li> <li>✓ Colocar os braços estendidos, mas no momento em que contactam a bola devem flectir-se.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>✓ Contactar a bola com a mão aberta e os dedos estendidos;</li> <li>✓ Driblar a bola ao lado do corpo (até ao nível da cintura);</li> <li>✓ Manter o olhar dirigido para a frente.</li> </ul>

**Grelha de Avaliação Diagnóstica de Basquetebol**

Nº	Nomes	Passe de Peito			Recepção			Drible			Lançamento Parado			Lançamento na Passada			Situação de Jogo		
		NE	E	EB	N E	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB	NE	E	EB
1																			
2																			
3																			
4																			
5																			
6																			
7																			

**FICHA DE AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA DE BASQUETEBOL**

ANO /  
TURMA :

	Situação Analítica															Situação de Jogo		
	Passe			Drible de progressão			Drible c/ mudança de direcção			Lançamento na passada			Lançamento parado/ em salto					
NOMES	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3	1	2	3
1.																		
2.																		
3.																		
4.																		
5.																		
6.																		
7.																		
8.																		

## **ANEXO II**

Elementos Presentes nas Grelhas Recolhidas											
Elementos (X) Grelhas	Passe	Recepção	Remate	Jogo	Drible	Finta	Desmarcação	Lançamento na Passada	Lançamento em Apoio	Defesa	Elementos (O) Grelhas
Andebol 2	XO	X	X	XO	XO			O	O		Basquetebol 2
Andebol 3	XO	XO	X	XO	XO	X		O	O		Basquetebol 3
Andebol 4	XO	O	X	XO	XO		X	O	O		Basquetebol 4
Andebol 5	XO	X	X	XO	XO			O	O	O	Basquetebol 5
Andebol 6	XO		X	XO	XO					O	Basquetebol 6
Andebol 7	XO	XO	X	XO	XO			O	O		Basquetebol 7
Andebol 8	XO	XO	X	XO	XO			O	O		Basquetebol 8
Andebol 9	O			XO	O			O	O		Basquetebol 9
Totais:											
Andebol	8	6	8	9	7	1	1	-	-	0	
Basquetebol	9	5	-	9	9	0	0	8	8	2	

**ANEXO III**

# AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA - ANDEBOL e BASQUETEBOL

Ac. Mot.	Situação de Jogo																		Nível	
	ANDEBOL E BASQUETEBOL									ANDEBOL			BASQUETEBOL							
	Passe			Recepção			Drible de Progressão			Remate			Lançamento em Apoio			Lançamento na Passada				
Alunos	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A	I	E	A		
1																				
2																				
3																				
4																				
5																				
6																				
7																				
8																				
9																				
10																				
11																				
12																				
13																				
14																				
15																				
16																				
17																				
18																				
19																				
20																				

	Andebol	Basquetebol
Passe	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Boa pega de bola;</li> <li>- "Armar" o braço (antebraço no prolongamento do ombro e o braço virado para cima);</li> <li>- <u>Direccionar correctamente a bola para um companheiro.</u></li> <li>- <u>Enviar a bola com um movimento do braço de trás para a frente;</u></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Agarrar a bola pelos lados com os dedos polegares colocados na parte posterior da bola;</li> <li>- <u>Extensão dos membros superiores paralelamente ao solo num gesto simultâneo;</u></li> <li>- <u>Cotovelos apontam para o chão;</u></li> <li>- <u>Após o passe, palmas das mãos voltadas para fora e flexão dos pulsos;</u></li> <li>- <u>Trajectória tensa e dirigida ao alvo;</u></li> <li>- <u>Cabeça levantada e olhar dirigido para a frente;</u></li> </ul>
Recepção	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Voltar o corpo para o portador da bola;</li> <li>- Estender os braços ao encontro da bola;</li> <li>- <u>Formar uma concha com as palmas das mãos com os dedos bem afastados e descontraídos e os polegares tocando-se;</u></li> <li>- <u>Dedos abertos;</u></li> <li>- <u>Flectir os braços, ao contacto com a bola amortecendo-a contra o peito.</u></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Olhar dirigido para a bola;</li> <li>- Definir mão alvo;</li> <li>- <u>Mãos em concha, com os dedos bem afastados;</u></li> <li>- <u>Ir ao encontro da bola;</u></li> <li>- <u>Movimento ao encontro da bola com os antebraços em extensão completa;</u></li> <li>- <u>No momento de contacto com a bola realizar flexão dos braços e deslocar um apoio à retaguarda</u></li> </ul>
Drible de Progressão	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Empurrar e amortecer a bola, com os dedos afastados;</li> <li>- <u>Flectir ligeiramente o tronco à frente;</u></li> <li>- <u>Bater a bola à frente e ao lado do pé, sem ultrapassar a altura da cintura;</u></li> <li>- <u>Manter a cabeça erguida, evitando olhar constantemente para a bola;</u></li> <li>- <u>Progredir com a bola de forma a ganhar uma posição mais ofensiva.</u></li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>Contacto com a bola realizado com os dedos;</u></li> <li>- <u>Flexão do pulso;</u></li> <li>- <u>Adoptar a posição de tripla ameaça;</u></li> <li>- <u>Olhar não dirigido para a bola;</u></li> <li>- <u>Extensão/ flexão de todas as articulações do membro superior (ombro, cotovelo e pulso);</u></li> <li>- <u>Altura do ressalto ligeiramente superior à cintura pélvica;</u></li> </ul>
Remate	<p>Na passada:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Após recepção ou drible, o jogador controla a bola com as duas mãos;</li> <li>- O remate propriamente dito é executado com um ou dois apoios no solo;</li> <li>- Colocação do pé contrário à mão que remata, ligeiramente à frente do outro;</li> <li>- Transferência da bola para a mão de remate e "armar" o braço;</li> <li>- Realizar um movimento, com o braço, de trás para a frente e de cima para baixo com uma "chicotada" final da mão;</li> <li>- Após o remate, avançar simultaneamente o pé mais recuado;</li> <li>- Executar o remate se estiver junto da área e em condições favoráveis.</li> </ul> <p>Em suspensão.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Efectuar uma corrida preparatória (no máximo 4 apoios ou 3 passos) com a bola nas mãos;</li> <li>- <u>Flectir ligeiramente o membro inferior contrário à mão que remata realizando uma impulsão;</u></li> <li>- <u>Colocar o último apoio ao mesmo tempo que se dá início ao "armar" do braço rematador, transferindo a bola para a mão desse braço;</u></li> <li>- <u>Rematar na fase de suspensão;</u></li> <li>- <u>Terminar o remate caindo sobre o mesmo pé de impulsão;</u></li> <li>- <u>Rematar em salto, utilizando fintas e mudanças de direcção, consoante a oposição;</u></li> <li>- <u>Desenquadrar o seu adversário directo.</u></li> </ul>	
Lançamento em Apoio		<p><u>Em apoio:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Enquadrar com o cesto;</li> <li>- <u>Pés à largura dos ombros, com o pé do lado da mão que lança ligeiramente avançado;</u></li> <li>- <u>Pega da bola: mão hábil por baixo da bola e dedos afastados e a apontar para cima. A outra mão colocada ligeiramente ao lado e à frente;</u></li> </ul>
Lançamento na Passada		<p><u>Na passada:</u></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>A corrida em drible é oblíqua em relação ao cesto;</u></li> <li>- <u>O primeiro apoio é longo, sendo o segundo apoio mais curto;</u></li> <li>- <u>O lançamento é executado em suspensão;</u></li> <li>- <u>O pé de impulsão é o pé correspondente ao 2º apoio;</u></li> <li>- <u>Aquando do 2º apoio deve existir elevação do joelho contrário;</u></li> <li>- <u>O lançamento propriamente dito é realizado com a mão oposta ao pé de impulsão;</u></li> <li>- <u>O membro superior lançador no final do lançamento encontra-se em extensão;</u></li> <li>- <u>O lançamento é realizado acima e à frente da cabeça;</u></li> <li>- <u>Flexão do pulso no acto do lançamento.</u></li> </ul>

**ANEXO IV**

## Grelha de Observação (Andebol e Basquetebol)

<p><b>I</b></p> <p>Andebol: <i>Jogo de oposição: 3 x 3 (meio-campo, marcação directa)</i></p> <p style="text-align: center;">1 - Circulação da bola; 2 - Passe ou drible para uma progressão rápida; 3 - Enquadra-se com a bola, para impedir o golo (GR); 4 - Assume posição defensiva.</p> <p>Basquetebol: <i>Jogo em oposição: 2x2</i></p> <p style="text-align: center;">5. Posição facial para o cesto; 6. Drible de progressão (direita e esquerda); 7. Passe e desmarca; 8. Assume posição defensiva.</p>	<p><b>E</b></p> <p>Andebol: <i>Jogo de oposição: 1+4 x 4+1 (defesa à zona)</i></p> <p style="text-align: center;">1 - Ocupação equilibrada do espaço; 2 - Passe, remate ou drible, em função da situação ; 3 - Flutuação; 4 - Iniciar o ataque (GR).</p> <p>Basquetebol: <i>Jogo em oposição: 3x3</i></p> <p style="text-align: center;">4. Passe e corte; 5. Lança em situação favorável. 6. Drible de protecção; 4. Recupera defensivamente dificultando a acção do adversário.</p>	<p><b>A</b></p> <p>Andebol: <i>Jogo de oposição 1+4 x 4+1 (defesa à zona)</i></p> <p style="text-align: center;">1 - Executa entradas, procurando linhas de passe ou remate; 2 - Utiliza fintas para desenquadrar o adversário; 3 - Bloco; 4 - Colabora com a defesa dando instruções (GR).</p> <p>Basquetebol: <i>Jogo em oposição: 4x4</i></p> <p style="text-align: center;">5. Passe, corte e reposição; 6. Ocupa o espaço de forma equilibrada; 7. Na posse de bola, adopta atitude de tripla ameaça; 8. Enquadra-se defensivamente.</p>
--	---	---

N.º	Nomes	I <sub>1</sub>	I <sub>2</sub>	I <sub>3</sub>	I <sub>4</sub>	E <sub>1</sub>	E <sub>2</sub>	E <sub>3</sub>	E <sub>4</sub>	A <sub>1</sub>	A <sub>2</sub>	A <sub>3</sub>	A <sub>4</sub>	Nível	
1															
2															
3															
4															
5															
6															
7															

**ANEXO V**

## Grelha de Observação Diagnóstica (Andebol e Basquetebol)

<i>I</i>	<i>E</i>	<i>A</i>
<p style="text-align: center;">Andebol: Jogo de oposição: 5 x 5 (meio-campo, marcação directa)</p> <p style="text-align: center;">1 - Circulação da bola (Passe de ombro); 2 - Passe ou drible para uma progressão rápida; 3 - Enquadra-se com a bola, para impedir o golo (GR); 4 - Assume posição defensiva.</p> <p style="text-align: center;"><b>Basquetebol: Jogo em oposição: 3x3</b></p> <p style="text-align: center;">9. Posição facial para o cesto; 10. Drible de progressão (direita e esquerda); 11. Passe de peito e desmarca; 12. Assume posição defensiva.</p>	<p style="text-align: center;">Andebol: Jogo de oposição: 5 x 5 (defesa à zona)</p> <p style="text-align: center;">1 - Ocupação equilibrada do espaço; 2 - Passe, remate ou drible, em função da situação; 3 - Procura interceptar linhas de passe; 4 - Iniciar o ataque (GR).</p> <p style="text-align: center;"><b>Basquetebol: Jogo em oposição: 3x3</b></p> <p style="text-align: center;">7. Passe e corte; 8. Lança em apoio ou na passada em situação favorável. 9. Drible de protecção; 4. Recupera defensivamente dificultando a acção do adversário.</p>	<p style="text-align: center;">Andebol: Jogo de oposição 5 x 5 (defesa à zona)</p> <p style="text-align: center;">1 - Executa entradas, procurando linhas de passe ou remate; 2 - Utiliza fintas para desenquadrar o adversário; 3 - Bloco; 4 - Colabora com a defesa dando instruções (GR).</p> <p style="text-align: center;"><b>Basquetebol: Jogo em oposição: 3x3</b></p> <p style="text-align: center;">9. Passe, corte e reposição; 10. Ocupa o espaço de forma equilibrada; 11. Na posse de bola, adopta atitude de tripla ameaça; 12. Enquadra-se defensivamente.</p>

N.º	Nomes	I <sub>1</sub>		I <sub>2</sub>		I <sub>3</sub>		I <sub>4</sub>		E <sub>1</sub>		E <sub>2</sub>		E <sub>3</sub>		E <sub>4</sub>		A <sub>1</sub>		A <sub>2</sub>		A <sub>3</sub>		A <sub>4</sub>		Nível		
		A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	A	B	
1																												
2																												
3																												
4																												
5																												
6																												
7																												
8																												
9																												

Legenda: ✓ Executa correctamente; \* Não Executa; ✓\* Executa sem sucesso

**ANEXO VI**

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta primeira grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol. É uma grelha incompleta que será reformulada tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção dessa nova grelha, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem:

Sexo: M  F  Idade: \_\_\_\_ Formação Académica: \_\_\_\_\_

Anos de Serviço: \_\_\_\_\_ Categoria Profissional: \_\_\_\_\_

- 1) Críticas a esta primeira grelha provisória.
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- 2) Factores a ter em conta na construção da grelha com base no programa do 3º ciclo do Ensino Básico.

Obrigado pela sua colaboração.

Q1

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta primeira grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol. É uma grelha incompleta que será reformulada tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção dessa nova grelha, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem:

Sexo: M  F  Idade: 43 Formação Académica: Licenciado em Educação Física

Anos de Serviço: 10 Categoria Profissional: Assistente Convidado na FCDEF

1) Críticas a esta primeira grelha provisória.

Impossível estabelecer um diagnóstico porque esta grelha só contempla os aspectos técnicos.

A folha com as componentes das observações não contempla o que é Introdutório/ Intermediário/ Avançado e deveria ser mais simples para realmente permitir uma observação.

2) Factores a ter em conta na construção da grelha com base no programa do 3º ciclo do Ensino Básico.

Contemplar os aspectos tácticos como a marcação/ desmarcação, criar linhas de passe,... em situação de jogos reduzidos (ex: 10 passes, 2 contra 1, 3 contra 3) onde se pode observar o táctico e o técnico.

A utilização da rotação sobre um pé eixo poderia também ser um elemento de identificação dos elementos avançados em Basquetebol.

Obrigado pela sua colaboração.

Q2

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta primeira grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol. É uma grelha incompleta que será reformulada tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção dessa nova grelha, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem:

Sexo: M  F  Idade: 44 Formação Académica: Licenciatura em Educação

Física

Anos de Serviço: 20 Categoria Profissional: Assistente na FCDEF

1) Críticas a esta primeira grelha provisória.

Esta ficha baseia-se numa concepção inversa à preconizada pelos Programas de Educação Física já que prevê uma avaliação por exercício critério e por nível programático em vez de propor situações de jogo simplificadas em que se possa avaliar tanto a técnica como a tática. O que se quer avaliar é o nível dos indivíduos no jogo e não se são capazes de realizar as técnicas isoladamente.

2) Factores a ter em conta na construção da grelha com base no programa do 3º ciclo do Ensino Básico.

Há que ter em conta, antes de mais, o objectivo da avaliação diagnóstica, que não é mais do que nos dar indicações, o mais precisas possível, do nível de alunos de cada turma.

Assim sendo, tem de se partir duma análise aprofundada dos programas de Educação Física de forma a saber-se o que caracteriza cada nível programático, isto é, o que é que os alunos devem conseguir fazer para se poder considerar que já cumpriram aquele nível e poder começar a trabalhar no seguinte. Na prática, o

professor deve-lhes propor situações simplificadas de jogo que sejam características do nível programático proposto para o ano lectivo em causa e, se os alunos as conseguirem realizar bem, quer dizer que o professor deve planear o seu ensino com base nas competências programáticas do nível imediatamente acima, se realizam com dificuldade, deve manter-se a trabalhar naquele nível de ensino e se não conseguir realizar nada correspondente ao nível indicado para o ano escolar em causa, deve retomar algumas das competências do nível imediatamente anterior mesmo que este esteja previsto para anos mais baixos de escolaridade.

Obrigado pela sua colaboração

Q3

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta primeira grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol. É uma grelha incompleta que será reformulada tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção dessa nova grelha, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem:

Sexo: M  F  Idade: 34      Formação Académica: Mestrado

Anos de Serviço: 11      Categoria Profissional: Assistente requisitado

1) Críticas a esta primeira grelha provisória.

Os procedimentos de avaliação são, por natureza, condicionadores da forma como concebemos o PEA; neste caso, se o que está em observação são os gestos técnicos, a tendência seguinte será para definir objectivos em torno destes gestos técnicos pelo que as aulas também serão concebidas em função destes gestos técnicos. Ora, no caso dos Jogos Desportivos Colectivos, a sua especificação por níveis contempla, essencialmente, a qualidade do desempenho em situação de jogo e acções motoras que vão para além das do domínio jogador-bola (gestos técnicos), por conseguinte, há que distinguir avaliação do desempenho em situação de jogo de avaliação do desempenho nos gestos técnicos ainda que observados em situação de jogo.

Na medida em que um passe em Andebol é diferente de outro em Basquetebol como é que se faz o registo no caso de resultados diferentes entre as duas matérias?

Com que computador se vai processar o conjunto de componentes críticas indicadas para o remate?

2) Factores a ter em conta na construção da grelha com base no programa do 3º ciclo do Ensino Básico.

A essência de cada nível, o que o caracteriza?

O que distingue um nível do outro?

Que medida usamos, o número de ocorrências em relação às oportunidades ou o número absoluto de ocorrências de um dado comportamento?

Obrigado pela sua colaboração.

**ANEXO VII**

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol e das apreciações de vários docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção de uma grelha melhorada, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem.

Sexo: M  F  Idade: \_\_\_\_ Formação Académica: \_\_\_\_\_  
Anos de Serviço: \_\_\_\_\_ Categoria Profissional: \_\_\_\_\_

1. O conteúdo da grelha permite avaliar os alunos e definir em que nível estão? Justifique a sua resposta.
2. Dê a sua opinião sobre a conformidade da grelha com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.
3. A grelha em questão necessita de uma melhor explicitação dos parâmetros de avaliação? Justifique.
4. Esta grelha permite a avaliação da técnica e da tática? Dê a sua opinião.

5. Observando esta grelha, nota potenciais obstáculos à sua utilização? Quais?

6. Sugestões ou alterações a ter em conta na melhoria desta grelha.

Obrigado pela sua colaboração.

QP1

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol e das apreciações de vários docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção de uma grelha melhorada, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem.

Sexo: M  F  Idade: 35 Formação Académica: Mestrado

Anos de Serviço: 9 Categoria Profissional: PQND

1. O conteúdo da grelha permite avaliar os alunos e definir em que nível estão? Justifique a sua resposta.

Sim, em minha opinião, julgo que esta grelha permite diferenciar os alunos, consoante o nível em que se encontram, através da complexificação das acções motoras, respectivamente do nível introdutório para o elementar e do elementar para o avançado.

2. Dê a sua opinião sobre a conformidade da grelha com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.

A grelha parece estar de acordo com o PNEF, visto que privilegia as acções tácticas em situação de jogo, em vez de referir acções motoras isoladas.

3. A grelha em questão necessita de uma melhor explicitação dos parâmetros de avaliação? Justifique.

Não, considero estes parâmetros bastante fáceis e simples de observar e muito objectivos.

4. Esta grelha permite a avaliação da técnica e da táctica? Dê a sua opinião.

Julgo que sim, embora tenha ficado com a sensação de esta grelha está mais direccionada para a avaliação das opções e decisões em contexto de jogo, ou seja para a tática em situação de jogo.

5. Observando esta grelha, nota potenciais obstáculos à sua utilização? Quais?

Não. Penso que é uma grelha bastante funcional

6. Sugestões ou alterações a ter em conta na melhoria desta grelha.

Na minha opinião, a “flutuação” no nível Elementar em Andebol deve ser transferida para o nível Avançado dada a sua complexidade.

Obrigado pela sua colaboração.

QP2

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol e das apreciações de vários docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção de uma grelha melhorada, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem.

Sexo: M  F  x Idade: 34      Formação Académica: Mestrado

Anos de Serviço: 10      Categoria Profissional: PQND

1. O conteúdo da grelha permite avaliar os alunos e definir em que nível estão? Justifique a sua resposta.

Sim, através dos parâmetros criados para os vários níveis é possível enquadrar os alunos no Introdutório, Elementar ou Avançado.

2. Dê a sua opinião sobre a conformidade da grelha com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.

Acho que a grelha se encontra em conformidade com o PNEF.

3. A grelha em questão necessita de uma melhor explicitação dos parâmetros de avaliação? Justifique.

Sim, é necessário explicitar a forma de circulação da bola, o tipo de passe (ombro, peito, picado, etc.), o tipo de remate, de lançamento, etc.

4. Esta grelha permite a avaliação da técnica e da tática? Dê a sua opinião.

Sim, através de formas reduzidas de jogo é possível avaliarmos a técnica e a tática.

5. Observando esta grelha, nota potenciais obstáculos à sua utilização? Quais?

Pouco prático porque no andebol implica a realização do jogo 3x3 e 5x5 para todos os alunos e no basquetebol 2x2, 3x3 e 4x4.

Alguns parâmetros poderiam ser substituídos por outros mais importantes (exemplo flutuação no andebol).

6. Sugestões ou alterações a ter em conta na melhoria desta grelha.

Na situação de jogo para os três níveis:

- No Andebol realizar apenas jogo 4x4 ou 5x5 com defesa individual ou zonal.
- No Basquetebol realizar apenas jogo 3x3.

Obrigado pela sua colaboração.

QP3

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol e das apreciações de vários docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção de uma grelha melhorada, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem.

Sexo: M x F  Idade: 36      Formação Académica: Mestrado

Anos de Serviço: 9      Categoria Profissional: PQND

1. O conteúdo da grelha permite avaliar os alunos e definir em que nível estão? Justifique a sua resposta.

Penso que, através desta grelha, é possível avaliar os alunos e definir em que nível estão já que existe uma complexificação das situações de jogo a abordar e dos comportamentos que os alunos deverão adoptar de acordo com as mesmas.

2. Dê a sua opinião sobre a conformidade da grelha com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.

Ao verificar o comportamento dos alunos de acordo com as diversas situações de jogo que poderão surgir esta grelha vai de encontro ao que o PNEF propõe para os JDC.

3. A grelha em questão necessita de uma melhor explicitação dos parâmetros de avaliação? Justifique.

Penso que apenas deveria ser introduzida uma legenda para que se pudesse diferenciar no registo na grelha se o aluno executa com sucesso, se executa na situação correcta mas sem sucesso ou se não executa.

4. Esta grelha permite a avaliação da técnica e da tática? Dê a sua opinião.

Sim, ao possibilitar que os alunos participem numa situação de jogo, com determinadas regras, permite automaticamente que estes executem diversos gestos técnicos em determinados momentos, o que de uma forma geral, inclui já a tática individual e colectiva.

5. Observando esta grelha, nota potenciais obstáculos à sua utilização? Quais?

O principal obstáculo que noto está relacionado com a confusão que pode causar o preenchimento dos campos associados a cada exercício ou a cada situação de jogo.

6. Sugestões ou alterações a ter em conta na melhoria desta grelha.

Penso que a “flutuação” deveria passar para o nível Avançado, por ser uma acção técnica táctica de alguma complexidade para os alunos. Tanto no Andebol como no Basquetebol, no nível Avançado a situação de jogo deverá já ser a normal e não de jogo reduzido.

Obrigado pela sua colaboração.

QP4

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol e das apreciações de vários docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção de uma grelha melhorada, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem.

Sexo: M  F  Idade: 35 Formação Académica: Lic. Educação Física e

Desporto

Anos de Serviço: 12 Categoria Profissional: PQND (grupo 38)

1. O conteúdo da grelha permite avaliar os alunos e definir em que nível estão?  
Justifique a sua resposta.

*Não. Quando pretendemos conhecer o nível em que os nossos alunos se encontram, de uma forma clara e não muito alargada do ponto de vista temporal, devemos escolher exercícios critério, com as acções que de facto se destacam num ou noutra nível (no jogo podem não surgir as acções que nos garantem que o aluno se encontra num determinado nível). Por exemplo: escolher a situação 2, do Nível Elementar a Andebol, não me ajuda em nada a classificar o aluno como se encontrando neste nível, uma vez que esta acção pertence ao Nível Introdutório. Assim como utilizar fintas no Nível Avançado... esta é claramente uma acção do Nível Elementar! Por outro lado, escolher o "Bloco" que só surge no Nível Avançado, como critério para inclusão do aluno nesse nível, será uma boa opção. Avaliar o GR é pouco funcional: vamos avaliar todos os alunos nesta posição?*

2. Dê a sua opinião sobre a conformidade da grelha com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.

*Acho que já respondi na questão anterior: não está em conformidade.*

3. A grelha em questão necessita de uma melhor explicitação dos parâmetros de avaliação? Justifique.

*Esta grelha apresenta demasiada informação para o objectivo a que se propõe (e já não estou a falar do conteúdo da mesma...). Também não me parece funcional, pois pode levar a equívocos: as duas colunas de II pertencem, respectivamente a Andebol e Basquetebol? Se sim, julgo que deveria mencionar o facto. Também seria vantajoso que as acções estivessem escritas na própria coluna de avaliação e não por II ou E2 (com letras na vertical, para uma melhor visualização e não ocupar espaço). Surpreende-me o facto desta grelha resultar de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol, pois parece-me que a dificuldade se revela acrescida.*

4. Esta grelha permite a avaliação da técnica e da tática? Dê a sua opinião.

*Da técnica. A tática o professor já definiu antecipadamente (3x3, marcação directa; 1+4 X 4+1, defesa à zona). Basta ver se o aluno a cumpre... mas também não existe na grelha qualquer campo para avaliar esta situação.*

5. Observando esta grelha, nota potenciais obstáculos à sua utilização? Quais?

*Muitos. Já foram explicitados.*

6. Sugestões ou alterações a ter em conta na melhoria desta grelha.

*Já foram dadas.*

Obrigado pela sua colaboração.

QP5

O trabalho que desenvolvemos no âmbito da monografia tem por objectivo a construção de um instrumento de recolha de dados para a avaliação diagnóstica dos alunos do 3º ciclo do Ensino Básico nas modalidades de Andebol e Basquetebol.

Esta grelha que apresentamos resulta de uma síntese dos instrumentos utilizados pelos estagiários na avaliação diagnóstica do Andebol e do Basquetebol e das apreciações de vários docentes da Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra tendo como referencial os programas de Educação Física do 3º ciclo do Ensino Básico.

Para a construção de uma grelha melhorada, solicitamos a vossa opinião em relação aos parâmetros que se seguem.

Sexo: M  F  Idade: 38 Formação Académica: Lic. Educação Física e

Desporto

Anos de Serviço: 17 Categoria Profissional: PQND

1. O conteúdo da grelha permite avaliar os alunos e definir em que nível estão? Justifique a sua resposta.

*Não. Penso que deveriam constar exercícios critério, com as acções que de facto se destacam num ou noutra nível.*

2. Dê a sua opinião sobre a conformidade da grelha com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.

*Na minha opinião, esta grelha não está em conformidade com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.*

3. A grelha em questão necessita de uma melhor explicitação dos parâmetros de avaliação? Justifique.

*Sim, penso que deveria estar assinalada a distinção das duas colunas para as duas modalidades.*

4. Esta grelha permite a avaliação da técnica e da tática? Dê a sua opinião.

*Sim, no entanto penso que não deveria ser avaliado em conjunto mas sim em campos separados. O aluno pode cumprir a tática e não executar o gesto técnico ou vice versa.*

5. Observando esta grelha, nota potenciais obstáculos à sua utilização? Quais?

*Esta grelha apresenta demasiada informação para o objectivo a que se propõe.*

6. Sugestões ou alterações a ter em conta na melhoria desta grelha.

*Como já referi anteriormente, a introdução de exercícios critério, a separação dos conteúdos técnicos e táticos, maior distinção para o que é referente ao Andebol e ao Basquetebol.*

Obrigado pela sua colaboração.

**ANEXO VIII**

## Construção do questionário a aplicar aos docentes da FDCEF

BLOCOS TEMÁTICOS	Objectivos	Questões	Fontes		
			GRELHAS RECOLHIDAS	LEGISLAÇÃO	TEORIA
Identificação	Obter dados identificativos do inquirido: Idade, sexo, grau académico, tempo de serviço, categoria profissional.				
Produto construído	Identificar erros na construção da grelha provisória.	1	X		
Grelha a construir	DEFINIR ITENS A MELHORAR E A ACRESCENTAR NUMA PRÓXIMA GRELHA.	2			
	IDENTIFICAR ELEMENTOS ESSENCIAIS NA AVALIAÇÃO DOS JDC SEGUNDO O PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA PARA O 3º CICLO			X	X

## Construção do questionário a aplicar aos orientadores de escola

BLOCOS TEMÁTICOS	Objectivos	Questões	Fontes		
			GRELHA ELABORADA	LEGISLAÇÃO	TEORIA
Identificação	Obter dados identificativos do inquirido: Idade, sexo, grau académico, tempo de serviço, categoria profissional.				
Grelha Construída	Apurar se a grelha permite avaliar os alunos e o seu nível	1	X		
	Definir se o produto construído respeita o definido da legislação	2	X	X	
	Definir se é necessária uma melhor explicação dos parâmetros de avaliação	3	X		
	Averiguar se a grelha permite avaliar a técnica e a tática	4	X	X	X
	Detectar erros na grelha que dificultem a sua utilização	5	X		
Grelha a Construir	DEFINIR ITENS A MELHORAR E A ACRESCENTAR NUMA PRÓXIMA GRELHA.	<b>6</b>	X	X	X

**ANEXO IV**

## ANÁLISE DE CONTEÚDO – Questionário FCDEF

### I. Críticas à grelha provisória

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADES DE REGISTO	Q1	Q2	Q3
Concepção	- Contrária ao Programa	- Baseia-se numa concepção inversa à preconizada pelos Programas de Educação Física.		X	
		- Prevê [apenas] uma avaliação por exercício critério.		X	
		- [prevê apenas] uma avaliação por nível programático.		X	
		- Os procedimentos de avaliação são [...] condicionadores da forma como concebemos o PEA.			X
Aplicabilidade	- Restrita à técnica	- Impossível estabelecer um diagnóstico porque esta grelha só contempla os aspectos técnicos.	X		
		- [não propõe] situações de jogo simplificadas.		X	
		- [não permite] avaliar tanto a técnica como a tática.		X	
		- [pretende-se] avaliar é o nível dos indivíduos no jogo.		X	
		- [não se pretende saber] se são capazes de realizar as técnicas isoladamente.		X	
		- Se o que está em observação são os gestos técnicos a tendência seguinte será para definir objectivos em torno destes gestos técnicos.			X
		- [Se o que está em observação são os gestos técnicos] as aulas também serão concebidas em função destes gestos técnicos.			X
		- No caso dos JDC a sua especificação por níveis contempla essencialmente a qualidade do desempenho em situação de jogo e acções motoras que vão para além das do domínio jogador-bola (gestos técnicos).			X
	- Há que distinguir avaliação do desempenho do jogo de avaliação do desempenho dos gestos técnicos ainda que observados em situação de jogo.			X	
	- Parâmetros necessitam de explicitação	- A folha com as componentes das observações não contempla o que é Introdutório/ Intermediário/ Avançado.	X		
- [A folha com as componentes das observações] deveria ser mais simples para realmente permitir uma observação.		X			

		- Na medida em que um passe em Andebol é diferente de outro em Basquetebol como é que se faz o registo no caso de resultados diferentes entre as duas matérias?			X
		- Com que computador se vai processar o conjunto de componentes críticas indicadas para o remate?			X

## II. Grelha a Construir

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADES DE REGISTO	Q1	Q2	Q3
Avaliação Diagnóstica	- Objectivo	- O objectivo da avaliação diagnóstica é dar-nos indicações [...] do nível de alunos de cada turma.		X	
Programas	- Análise	- Tem de se partir duma análise aprofundada dos programas de Educação Física.		X	
		- [Tem que] saber-se o que caracteriza cada nível programático.		X	
		- [Tem que saber-se] o que os alunos devem conseguir fazer para se poder considerar que já cumpriram aquele nível.		X	
		- [Tem que saber-se o que os alunos devem conseguir fazer para] poder trabalhar no [nível] seguinte.		X	
		- [Tem que se saber] a essência de cada nível e o que o caracteriza.			X
		- [Tem que se saber] o que distingue um nível do outro.			X
	- Aplicação na prática	- Contemplar os aspectos tácticos como a marcação, desmarcação, criar linhas de passe...em situação de jogos reduzidos (ex. 10 passes, 2 contra 1, 3 contra 3).	X		
		- [Contemplar os aspectos tácticos como a marcação, desmarcação, criar linhas de passe...em situação de jogos reduzidos] onde se pode observar o táctico e o técnico.	X		
		- O professor deve propor [aos alunos] situações simplificadas de jogo.		X	
		- [As situações simplificadas de jogo devem ser] características do nível programático proposto para o ano lectivo em causa.		X	
- Planeamento	- Se os alunos conseguirem realizar bem [as situações características do nível		X		

		programático do seu ano lectivo] o professor deve planejar o seu ensino com base nas competências programáticas do nível imediatamente acima.			
		- Se [os alunos] realizam com dificuldade [as situações características do nível programático do seu ano lectivo, o professor] deve manter-se a trabalhar aquele nível de ensino.		X	
		- Se [os alunos] não conseguirem realizar nada correspondente ao nível indicado para o ano escolar em causa, deve retomar algumas das competências do nível imediatamente anterior.		X	
		- A utilização da rotação sobre um pé eixo poderia também ser um elemento de identificação dos elementos avançados em Basquetebol.	X		
		- Que medida usamos, o número de ocorrências em relação às oportunidades ou o número absoluto de ocorrências de um dado comportamento?			X

ANÁLISE DE CONTEÚDO – Questionário Orientadores

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	UNIDADES DE REGISTO	QP 1	QP 2	QP 3	QP 4	QP 5
Grelha Construída	Avaliação	[...] Esta grelha permite diferenciar os alunos, consoante o nível em que se encontram.	X				
		[Esta grelha permite diferenciar os alunos, consoante o nível em que se encontram] através da complexificação das acções motoras, respectivamente do nível introdutório para o elementar e do elementar para o avançado.	X				
		[...] Através dos parâmetros criados para os vários níveis é possível enquadrar os alunos no Introdutório, Elementar ou Avançado.		X			
		[...] É possível avaliar os alunos e definir em que nível estão já que existe uma complexificação das situações de jogo a abordar e dos comportamentos que os alunos deverão adoptar de acordo com as mesmas			X		
		[...] Quando pretendemos conhecer o nível em que os nossos alunos se encontram, de uma forma clara e não muito alargada do ponto de vista temporal, devemos escolher exercícios critério.				X	
		[Devemos escolher exercícios critério] com as acções que de facto se destacam num ou noutro nível.				X	
		Não [permite avaliar os alunos nem em que nível estão].					X
		Penso que deveriam constar exercícios critério, com as acções que de facto se destacam num ou noutro nível.					X
	Legislação	A grelha parece estar de acordo com o PNEF, visto que privilegia as acções tácticas em situação de jogo, em vez de referir acções motoras isoladas.	X				
		[...] A grelha encontra-se em conformidade com o PNEF.		X			
		Ao verificar o comportamento dos alunos de acordo com as diversas situações de jogo que poderão surgir esta grelha vai de encontro ao que o PNEF propõe para os JDC.			X		
		[...] Não está em conformidade [com o PNEF]				X	
		Esta grelha não está em conformidade com o Programa Nacional de Educação Física do Ensino Básico.					X

	Parâmetros de Avaliação	[...] Considero estes parâmetros bastante fáceis e simples de observar e muito objectivos.	X				
		[...] É necessário explicitar a forma de circulação da bola, o tipo de passe (ombro, peito, picado, etc.), o tipo de remate, de lançamento, etc.		X			
		[...] Deveria ser introduzida uma legenda para que se pudesse diferenciar no registo na grelha se o aluno executa com sucesso, se executa na situação correcta mas sem sucesso ou se não executa.			X		
		Esta grelha apresenta demasiada informação para o objectivo a que se propõe.				X	
		[...] Deveria estar assinalada a distinção das duas colunas para as duas modalidades					X
	Avalia Técnica e Tática	[...] Sim, [...mas...] está mais direccionada para a avaliação das opções e decisões em contexto de jogo, ou seja, para a tática em situação de jogo.	X				
		[...] Através de formas reduzidas de jogo é possível avaliarmos a técnica e a tática.		X			
		[...] Ao possibilitar que os alunos participem numa situação de jogo, com determinadas regras, permite automaticamente que estes executem diversos gestos técnicos em determinados momentos, o que de uma forma geral, inclui já a tática individual e colectiva.			X		
		[Apenas avalia] a técnica.				X	
		A tática o professor já definiu antecipadamente (3x3, marcação directa; 1+4 X 4+1, defesa à zona).				X	
		Sim, [permite a avaliação da técnica e da tática]					X
		Não deveria ser avaliado em conjunto mas sim em campos separados [porque] o aluno pode cumprir a tática e não executar o gesto técnico ou vice versa.					X
	Obstáculos à sua utilização	Não [encontro]. Penso que é uma grelha bastante funcional.	X				
		Pouco prático porque no andebol implica a realização do jogo 3x3 e 5x5 para todos os alunos e no basquetebol 2x2, 3x3 e 4x4.		X			
		Alguns parâmetros poderiam ser substituídos por outros mais importantes (exemplo flutuação no andebol).		X			
		[...] A confusão que pode causar o preenchimento dos campos associados a cada exercício ou a cada situação de jogo.			X		
		[...] No jogo podem não surgir as acções que nos garantem que o aluno se encontra num				X	

		determinado nível.						
		[...] Vamos avaliar todos os alunos [na situação de GR?]				X		
		Apresenta demasiada informação para o objectivo a que se propõe					X	
Grelha a Construir	Itens a Melhorar	[...] A “flutuação” no nível Elementar em Andebol deve ser transferida para o nível Avançado dada a sua complexidade.	X					
		Na situação de jogo para os três níveis: No Andebol realizar apenas jogo 4x4 ou 5x5 com defesa individual ou zonal. No Basquetebol realizar apenas jogo 3x3.		X				
		[...] A “flutuação” deveria passar para o nível Avançado, por ser uma acção técnico táctica de alguma complexidade para os alunos			X			
		Tanto no Andebol como no Basquetebol, no nível Avançado a situação de jogo deverá já ser a normal e não de jogo reduzido.			X			
		[...] Escolher [Passe, remate ou drible, em função da situação] no nível Elementar a Andebol, não me ajuda em nada a classificar o aluno como se encontrando neste nível, uma vez que esta acção pertence ao Nível Introdutório.				X		
		[...] Utilizar fintas [...] é claramente uma acção do Nível Elementar!				X		
		[...] O “Bloco” [...] como critério para inclusão do aluno [no nível Avançado], será uma boa opção.				X		
		[Se] as duas colunas de I1 pertencem, respectivamente a Andebol e Basquetebol [...] julgo que deveria mencionar o facto.				X		
		Seria vantajoso que as acções estivessem escritas na própria coluna de avaliação e não por I1 ou E2				X		
		Introdução de exercícios critério [...]						X
		[...] a separação dos conteúdos técnicos e tácticos [...]						X
[...] maior distinção para o que é referente ao Andebol e ao Basquetebol.						X		

CONSTRUÇÃO DE INDICADORES

CATEGORIA	SUB-CATEGORIA	INDICADORES	QP 1	QP 2	QP 3	QP 4	QP 5
Grelha Construída	Avaliação	Esta grelha permite diferenciar os alunos, consoante o nível em que se encontram através da complexificação gradual das acções motoras e comportamentos dos alunos nas diversas situações (parâmetros).	X	X	X		
		Não permite diferenciar os alunos.				X	X
		Deveriam constar exercícios critério com as acções que de facto se destacam nos diversos níveis.				X	X
	Legislação	A grelha está em conformidade com o PNEF, visto que privilegia as opções (acções técnico-táticas) dos alunos em situação de jogo, em vez de referir acções motoras isoladas.	X	X	X		
		Esta grelha não está em conformidade com o PNEF.				X	X
	Parâmetros de Avaliação	[...] Considero estes parâmetros bastante fáceis e simples de observar e muito objectivos.	X				
		[...] É necessário explicitar a forma de circulação da bola, o tipo de passe (ombro, peito, picado, etc.), o tipo de remate, de lançamento, etc.		X			
		[...] Deveria ser introduzida uma legenda para que se pudesse diferenciar no registo na grelha se o aluno executa com sucesso, se executa na situação correcta mas sem sucesso ou se não executa.			X		
		Esta grelha apresenta demasiada informação para o objectivo a que se propõe.				X	
		[...] Deveria estar assinalada a distinção das duas colunas para as duas modalidades					X
	Avalia Técnica e Tática	Sim, através de formas reduzidas de jogo é possível avaliarmos a técnica e a tática.	X	X	X		X
		Apenas avalia a técnica. A tática o professor já definiu antecipadamente (3x3, marcação directa; 1+4 X 4+1, defesa à zona).				X	
		Não deveria ser avaliado em conjunto mas sim em campos separados [porque] o aluno pode cumprir a tática e não executar o gesto técnico ou vice versa.					X
	Obstáculos à sua utilização	Não [encontro]. Penso que é uma grelha bastante funcional.	X				
		Pouco prático porque no andebol implica a realização do jogo 3x3 e 5x5 para todos os		X			

		alunos e no basquetebol 2x2, 3x3 e 4x4.					
		Alguns parâmetros poderiam ser substituídos por outros mais importantes (exemplo flutuação no andebol).		X			
		[...] A confusão que pode causar o preenchimento dos campos associados a cada exercício ou a cada situação de jogo.			X		
		[...] No jogo podem não surgir as acções que nos garantem que o aluno se encontra num determinado nível.				X	
		[...] Vamos avaliar todos os alunos [na situação de GR?]				X	
		Apresenta demasiada informação para o objectivo a que se propõe					X
Grelha a Construir	Itens a Melhorar	[...] A “flutuação” no nível Elementar em Andebol deve ser transferida para o nível Avançado por ser uma acção técnico táctica de alguma complexidade para os alunos	X		X		
		Na situação de jogo para os três níveis: No Andebol realizar apenas jogo 4x4 ou 5x5 com defesa individual ou zonal. No Basquetebol realizar apenas jogo 3x3.		X			
		Tanto no Andebol como no Basquetebol, no nível Avançado a situação de jogo deverá já ser a normal e não de jogo reduzido.			X		
		[...] Escolher [Passe, remate ou drible, em função da situação] no nível Elementar a Andebol, não me ajuda em nada a classificar o aluno como se encontrando neste nível, uma vez que esta acção pertence ao Nível Introdutório.				X	
		[...] Utilizar fintas [...] é claramente uma acção do Nível Elementar!				X	
		[...] O “Bloco” [...] como critério para inclusão do aluno [no nível Avançado], será uma boa opção.				X	
		[Se] as duas colunas de I1 pertencem, respectivamente a Andebol e Basquetebol [...] julgo que deveria mencionar o facto.				X	
		Seria vantajoso que as acções estivessem escritas na própria coluna de avaliação e não por I1 ou E2				X	
		Introdução de exercícios critério [...]					X
		[...] a separação dos conteúdos técnicos e tácticos [...]					X
[...] maior distinção para o que é referente ao Andebol e ao Basquetebol.					X		